

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Sociologia - DS

**DESEMPREGO E JUVENTUDE:
PERCEPÇÕES DOS JOVENS EM UM CONTEXTO NEOLIBERAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Sob a orientação da Profa. Dra. Aline Suelen Pires.

Gabriel Ulbricht Ferreira

São Carlos, Janeiro de 2023

Não me interessava um conhecimento apenas abstrato do meu tema – eu queria conhecê-los em suas vidas cotidianas, debater com eles suas condições de vida e seus tormentos;
Friedrich Engels

Devemos esperar por um delicado equilíbrio entre os procedimentos sintetizadores e os empíricos, uma disputa entre o modelo e a realidade. Esta é a tensão criadora no coração do processo cognitivo. Sem essa dialética, o crescimento intelectual não acontece.

E. P. Thompson

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida enquanto Iniciação Científica, processo 2021/11617-5, possibilitando que minha iniciação científica fosse realizada, e no qual esta monografia é inteiramente baseada.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora que tanto admiro, Aline Suelen Pires, por ter me ajudado em meus primeiros passos como sociólogo e pesquisador, mostrando imensa paciência e disposição para me ajudar a prosseguir. Sem sua orientação, este trabalho não teria sido possível.

Também sou grato a todo apoio oferecido pelo meu grupo de pesquisa LEST-M – Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades, que me proporcionou um grande aprendizado mediante os debates e leituras acerca da sociologia do trabalho, além dos colegas que comigo conviveram e que pude nutrir amizades, dentre os quais destaco João Perin, Lucia Cucchieri, Denise Santos, Leilyane Leão, Kamila Rocha e Gustavo Anversa.

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos, por todas as experiências e possibilidades que pude desfrutar ao longo de minha trajetória. Especialmente aos trabalhadores e trabalhadoras do Restaurante Universitário, da limpeza, técnicos-administrativos, da Biblioteca Comunitária e professores que possibilitaram um ambiente de aprendizado adequado e ajudaram, direta ou indiretamente, em minha formação.

Sou grato a todas as pessoas que, ao longo desses quatro anos de graduação, passaram por minha vida de alguma forma e que tive a honra de conhecer, compartilhando momentos inesquecíveis e contribuindo, assim, com a pessoa que sou hoje. Em especial, a Larissa Moreira, Guilherme Pessatti, Júlia Mendes, Victoria Queiroz, Bruna Pessatti, Ludmilla Carneiro, Caroline Lins, Ingrid Medita, Eduardo Derisso, Maria Eugênia, Camila Neves, Beatriz França, Bruna Alanis, Gabriel Mafa e Eduardo Lazarini.

Agradeço a minha família, que sempre esteve ao meu lado incondicionalmente, ao meu irmão Renan Ulbricht Ferreira, minha irmã Rebecca Caroline Ulbricht Ferreira, minha avó Célia Gugelmo Ulbricht e, em especial, minha mãe Angela Gugelmo Ulbricht Ferreira, que sempre fez o possível para me proporcionar o melhor.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a todos os trabalhadores e trabalhadoras que participaram dessa pesquisa, e que me ensinaram tanto com seus depoimentos e histórias. Dedico esta monografia a eles e a todos os demais trabalhadores e trabalhadoras que possibilitaram meus estudos em uma universidade pública.

SUMÁRIO

Resumo	7
Introdução: apresentação da pesquisa	8
1. Desemprego e juventude: revisão bibliográfica e enquadramento teórico	12
1.1 Capitalismo e desemprego	12
1.2 A relação entre capital e trabalho no século XX.....	15
a) Fordismo e a crise de 1929	15
b) A Consolidação do Estado de bem-estar social.....	16
c) Reestruturação produtiva e acumulação flexível.....	18
d) A consolidação do neoliberalismo enquanto projeto político-econômico dominante	20
1.3 Neoliberalismo no Brasil: um breve resgate histórico	22
a) Governos Collor e FHC.....	22
b) O social-liberalismo nos governos Lula e Dilma	23
c) A volta do receituário neoliberal: governos Temer e Bolsonaro	24
1.4 Ideologia neoliberal e desemprego	26
a) Empreendedorismo	28
b) Empregabilidade	31
1.5 Desemprego e juventude.....	32
2. A pesquisa empírica: as percepções dos jovens sobre a condição de desemprego	36
2.1 Perfil dos entrevistados e experiências particulares	36
a) Estudar e trabalhar ao mesmo tempo: a realidade de grande parte da juventude brasileira	38
b) Pandemia e desemprego prolongado	41
c) A contradição entre a experiência e o primeiro emprego.....	43
d) Inseguranças e incertezas generalizadas diante de um futuro incerto.....	44
e) Individualização do desemprego: empreendedorismo e empregabilidade.....	47
3. Reconstrução e análise de casos específicos.....	51
3.1 Uma realidade diferente da geração de seu pai: o caso de Matheus	51
3.2 Informalidade e dignidade: o caso de Sandra	57
3.3 Dedicar-se 100% para empreender: o caso de Carlos	60
3.4 Planejamento interrompido: o caso de Laura.....	63
3.5 Breve balanço analítico dos casos apresentados	67

Considerações finais.....	70
Apêndice: roteiro de entrevista	72
Referências bibliográficas.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro do perfil dos entrevistados.....	37
--	----

Resumo

A crescente flexibilização das relações de trabalho, respaldada pelo processo de reestruturação produtiva, levou a um aumento da precarização do trabalho e do desemprego, sobretudo entre os mais jovens, quadro agravado pelo advento do neoliberalismo enquanto projeto político e econômico dominante. Além disso, verifica-se, no contexto atual, um processo ideológico, amparado pela lógica neoliberal, que visa justificar e naturalizar, através de discursos e práticas específicas, um cenário de incertezas e inseguranças generalizadas, em que o próprio sujeito é apontado como principal responsável por sua condição de desempregado. Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender, a partir de uma análise qualitativa, de que maneira as percepções de jovens desempregados sobre sua condição (de desemprego) se articula com discursos e práticas neoliberais vigentes, levando em consideração as experiências e referências desses jovens trabalhadores, e observando como tal condição impacta em sua subjetividade, em sua saúde e nas demais esferas de sua sociabilidade. Desse modo, foi realizado um estudo de caso a partir da Casa do Trabalhador do município de São Carlos-SP, instituição que oferece serviços de realocação profissional, incluindo intermediação de mão-de-obra. A pesquisa foi conduzida, principalmente, através de entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado, em que foi possível captar depoimentos de vinte e dois jovens desempregados com o objetivo de compreendê-los e relacioná-los com a realidade do mundo do trabalho contemporâneo, marcado, em suma, pela precarização e pelo desemprego.

Palavras-chave: trabalho; desemprego; empreendedorismo; neoliberalismo; ideologia; juventude.

Introdução: apresentação da pesquisa

As últimas décadas do século XX foram marcadas por um processo de reestruturação produtiva do capital, que por sua vez resultou no advento da acumulação flexível e seus elementos de flexibilidade e horizontalização, acentuando contradições inerentes ao capitalismo e reconfigurando tanto aspectos objetivos quanto subjetivos do trabalho. Nesse sentido, passou-se a demandar um novo tipo de trabalhador, mais flexível, adaptável às inconstâncias do mercado e passível de ser demitido com mais facilidade (HARVEY, 2008a), paralelamente ao enxugamento de postos de trabalho que resultou em um menor número de trabalhadores empregados, dos quais são exigidas polivalência e constante atualização (ANTUNES, 2009).

As reinvenções operadas no capitalismo flexível resultaram em consequências imediatas para a classe trabalhadora, submetida a empregos escassos, precários e informais (ANTUNES, 2009), além dos inúmeros trabalhadores que, impossibilitados de vender sua força de trabalho, acabam submetidos às mazelas do desemprego estrutural. Vale ressaltar que a atual expulsão de um imenso contingente de trabalhadores dos processos produtivos ocorre em um contexto de avanço do neoliberalismo, com a contínua desregulamentação do trabalho e privatização do Estado (HARVEY, 2008b).

No Brasil, o índice de desemprego cresceu significativamente nos anos 90 mediante a consolidação do projeto político-econômico neoliberal, o que, por sua vez, contribuiu para o avanço do trabalho precarizado em um país que já contava com poucas perspectivas empregatícias em ocupações formais e regularizadas (MATTOS, 2019). Embora essas taxas de desemprego tenham tido certa melhora entre os anos de 2000 a 2014, o quadro alarmante tornou-se novamente evidente, principalmente a partir de 2016, aumentando consideravelmente desde então e tendo sido fortemente impactado pela pandemia de covid-19 iniciada em 2020.

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de compreender de que maneira as percepções de jovens desempregados sobre sua condição (de desemprego) se articulam com os discursos e práticas neoliberais vigentes, tendo em vista a consolidação do neoliberalismo enquanto projeto político e econômico dominante nos últimos anos. Nossa hipótese é de que a lógica neoliberal, para além de seus princípios econômicos e políticos, se estende às múltiplas sociabilidades dos sujeitos, configurando subjetividades mediante um processo de interiorização ideológica em que o desemprego aparece enquanto um problema individual, e

não mais social. Assim, o próprio sujeito é apontado como principal responsável por sua condição de desempregado.

São Carlos é um município localizado no interior do estado de São Paulo, contando, atualmente, com cerca de 250 mil habitantes. No centro do município, está localizada a Casa do Trabalhador, instituição mantida pela prefeitura de São Carlos e em convênio com o governo federal, que oferece uma série de serviços como intermediação de mão-de-obra, direcionamento de propostas para qualificação profissional, expedição de carteira de trabalho e habilitação do seguro-desemprego¹. Foi neste local que a pesquisa empírica foi desenvolvida.

Nosso trabalho foi iniciado a partir do aprofundamento bibliográfico das temáticas acerca do desemprego, juventude, proteção social, neoliberalismo, flexibilização, trabalho e ideologia, de tal forma a auxiliar na compreensão de elementos passíveis de serem encontrados em campo. Nesse sentido, a bibliografia foi mobilizada de modo a dialogar com a questão de pesquisa, visando compreender melhor como a categoria da juventude está intimamente relacionada com o fenômeno do desemprego estrutural, em paralelo ao desmonte de qualquer caráter assistencialista do Estado em prol de políticas econômicas neoliberais e flexibilizantes, que são respaldadas, ainda, por um discurso individualizante e meritocrático.

Vale ressaltar que, concomitantemente ao levantamento bibliográfico, foram realizadas reuniões de orientação e de estudos com o grupo de pesquisa LEST-M (Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades) da UFSCar, em que produções acadêmicas relacionadas à sociologia do trabalho foram discutidas, contribuindo, assim, com o desenvolvimento da própria pesquisa em questão. Também nos mantemos comprometidos em acompanhar e manter um acervo atualizado composto por notícias midiáticas e estatísticas sobre o desemprego no Brasil, através de dados divulgados a cada trimestre pelo IBGE (PNAD) sobre o desemprego, principalmente no que concerne à juventude trabalhadora, visando complementar as análises e inserir os dados obtidos na pesquisa de campo em uma perspectiva mais ampla.

Desse modo, conforme o aprofundamento teórico e estatístico do tema avançava, começamos a desenvolver os próximos passos referentes à ida ao campo, que fora realizada na Casa do Trabalhador. A presente pesquisa se desenvolveu através de entrevistas efetuadas a partir de um roteiro semiestruturado. Optou-se pela entrevista a partir desse tipo de roteiro

¹ Mais informações em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/trabalho-emprego/163061-casa-do-trabalhador.html> acessado em: 22/11/2022

tendo em vista a maleabilidade e abertura propiciadas por esse instrumento de pesquisa, sendo de grande utilidade para nossos objetivos.

Durante as visitas e atividades de campo na Casa do Trabalhador, fomos recebidos no local sem maiores problemas, conforme a identificação enquanto estudante-pesquisador da Universidade Federal de São Carlos. Após o contato inicial, quando a gerente do local tomou conhecimento da proposta de pesquisa, foi possível prosseguir e realizar as entrevistas com tranquilidade. As entrevistas foram realizadas enquanto os trabalhadores esperavam pelo atendimento e/ou terminavam de ser atendidos, ou seja, o trabalho dos funcionários da instituição não foi prejudicado de nenhuma maneira.

Os entrevistados concentraram-se, principalmente, na faixa etária entre 18 e 29 anos, com apenas algumas exceções. Todas as entrevistas foram gravadas mediante o consenso entre o entrevistador e o entrevistado, com a preservação de suas identidades. Também foram registradas, em diário de campo, as observações e impressões em relação aos interlocutores e às entrevistas, assim como informações sobre o funcionamento e dinâmicas percebidas na Casa do Trabalhador, que contava com um fluxo contínuo de pessoas. No total, contabilizou-se vinte e duas entrevistas realizadas, as quais foram sintetizadas em um quadro de caracterização geral dos entrevistados. Vale ressaltar, no entanto, que foram efetivamente mobilizadas no corpo do texto dezoito entrevistas com seus relatos e depoimentos. Posteriormente, os dados e materiais coletados foram submetidos à transcrição e análise.

Atuando de acordo com os objetivos específicos anteriormente traçados, foram coletadas informações sobre os entrevistados que nos possibilitaram traçar um perfil dos jovens trabalhadores desempregados encontrado em campo (idade, gênero, escolaridade, trajetória profissional), além de buscarmos compreender suas significações e interpretações acerca do desemprego. Vale ressaltar que a pesquisa em questão foi realizada ainda no contexto de pandemia, ou seja, também buscamos analisar as especificidades da condição de desemprego em um momento histórico marcado pela covid-19, assim como as possíveis resistências e formas de enfrentamento à condição de desemprego e aos discursos que visam legitimá-lo por parte dos jovens trabalhadores.

Ressaltamos aqui a necessidade da abordagem qualitativa, com o objetivo de entender o efeito real do desemprego na sociabilidade e subjetividade dos jovens trabalhadores, considerando os indivíduos enquanto sujeitos ativos de sua história, mesmo que existam condições materiais de classe histórica e socialmente determinadas.

Desse modo, as novas configurações que o desemprego assume em um capitalismo neoliberal liga-se diretamente às experiências e referências dos jovens desempregados aqui

entrevistados, e que compõem a classe trabalhadora brasileira em sua mais ampla heterogeneidade.

1. Desemprego e juventude: revisão bibliográfica e enquadramento teórico

Neste capítulo inicial, será apresentada uma breve revisão bibliográfica visando elucidar o enquadramento teórico da pesquisa. De início, discutiremos o amadurecimento do capitalismo em um contexto de revolução industrial, evidenciando como o desemprego aparece enquanto elemento fundamental ao próprio mecanismo de valorização do capital, em paralelo à generalização da condição de assalariado para grande parte da população a partir do século XIX. Posteriormente, analisaremos a relação capital-trabalho no século XX, perpassando desde a era fordista até a reestruturação produtiva que culminou em um cenário de maior flexibilização do trabalho e desemprego, seguida do advento de práticas político-econômicas neoliberais em oposição às políticas de bem-estar social que foram implementadas em países específicos.

Visando melhor compreender o advento do neoliberalismo no Brasil, será realizado um breve resgate histórico das práticas político-econômicas neoliberais no país, que se delinearam, principalmente, após o consenso de Washington e com o governo Collor seguido de FHC. Não obstante, a lógica neoliberal, antes de encerrar-se em relações macroeconômicas, também se estende às múltiplas relações sociais dos indivíduos. Não por acaso, também será discutido neste trabalho como, através de práticas e discursos envoltos pela questão do empreendedorismo e da empregabilidade, o desemprego parece ganhar, ideologicamente, o formato de um problema supostamente individual, mediante a auto culpabilização dos desempregados.

Por fim, discutiremos como a juventude trabalhadora configura-se enquanto um segmento da sociedade fortemente atingido por empregos precarizados e informais, em paralelo ao desemprego e desalento que aumentam entre os mais jovens. Além disso, será feita uma discussão acerca da heterogeneidade da juventude nos dias atuais, atravessada por questões de raça, classe, gênero e resultando, assim, em experiências diversas para um conjunto de jovens que adentram um mercado de trabalho já marcado por alta flexibilidade e por políticas de cunho neoliberal.

1.1 Capitalismo e desemprego

Desde a constituição do capitalismo até os dias atuais, é largamente difundida a representação de que tal modo de produção se consolidou de maneira idílica, quase que como

um conto religioso sobre uma elite que poupou de maneira parcimoniosa os ganhos que adquiriu com seu trabalho, em oposição aos “vadios” e “vagabundos” que dissiparam tudo o que tinham rapidamente. Não obstante, a formação histórica e social do capitalismo, como bem apontou Marx (2013), originou-se mediante um complexo processo marcado pela violência, em que o próprio estabelecimento de suas relações de trabalho ocorreu com a separação entre os trabalhadores e os instrumentos de realização do seu trabalho, tal como demonstraram, por exemplo, as “*Bills for Inclosures of Commons*” (leis para o cercamento da terra comunal) na Inglaterra do século XVIII, que legalmente garantiu a expulsão de inúmeros camponeses de suas terras, agora privatizadas².

Com isso, os meios sociais de subsistência e de produção, que por séculos fizeram parte do tradicional modo de vida camponês (MARX, 2017), transformam-se em meios para a reprodução do capital, além da conversão dos produtores diretos em trabalhadores assalariados, ou seja, um grande contingente de pessoas perdeu as condições de reproduzir sua existência, a não ser vendendo sua força de trabalho no mercado enquanto proletários livres (MARX, 2013). Porém, como afirmou Castel (2009), tal liberdade garantida pela condição de assalariado assemelha-se a uma busca bárbara pela sobrevivência, em que “a liberdade sem proteção pode levar à pior servidão: a da necessidade” (CASTEL, 2009, p.44-45).

Nesse sentido, o advento da condição de assalariado, para a grande maioria dos trabalhadores, reflete um novo momento histórico, fechando um ciclo de longas transformações conflituosas e alavancando a sociedade burguesa enquanto forma de organização social dominante. O livre acesso ao trabalho reintroduz a questão social sobre bases inéditas no início do século XIX (CASTEL, 2009), destronando as relações de tutela horizontalmente estabelecidas no feudalismo em benefício de relações contratuais, em que o operário é livre para vender sua força de trabalho mediante o contrato que aceitar.

A suposta liberdade inaugurada pelas relações de trabalho sob a égide do capital impulsiona, já em seu início, a atomização e isolamento dos sujeitos, em que o individualismo se caracteriza pela ausência de qualquer vínculo ou suporte que proporcione uma proteção efetiva aos trabalhadores (CASTEL, 2009). Autores como Simmel (2005) ainda ressaltam a predominância de um “espírito contábil” impulsionado pela economia monetária, em que os

² Vale ressaltar que o próprio movimento de expulsão de camponeses e pequenos produtores do campo continua a ocorrer nos dias de hoje. Dentre os autores que discutem essa temática, está John Bellamy Foster (2012). Um exemplo de grandes apropriações de terras e expulsão de produtores pode ser visto aqui: <https://grain.org/pt/article/6458-grilagem-de-terras-de-harvard-no-brasil-e-desastre-para-comunidades-e-alertapara-especuladores> acessado em: 09/11/2022

sujeitos devem assumir disposições cada vez mais utilitaristas e individuais. Aqui, a dissociação e individualização são, contraditoriamente, formas elementares de socialização sob o capitalismo (SIMMEL, 2005).

Uma vez que a atomização e isolamento caracterizam as relações sociais na grande cidade, Engels (2008), ao observar a situação dos trabalhadores ingleses, ressaltou o cenário de incertezas na vida dos proletários, posto que, além da insegurança e ausência de qualquer vínculo assistencial, também estão submetidos ao movimento irracional do mercado, que compreende desde inovações tecnológicas³ (capazes de dispensar parte do trabalho humano) até a queda de salários, paralelamente ao avanço do desemprego:

O proletariado, por seu turno, que só possui de seu os próprios braços, que consome à noite o que ganhou durante o dia, que está inteiramente sujeito ao acaso, que não tem nenhuma garantia futura de assegurar-se os meios mais elementares de subsistência - em função de uma crise ou de um capricho do patrão pode ficar desempregado (...). Tudo o que o proletário pode fazer para melhorar sua condição assemelha-se a uma gota no oceano diante das vicissitudes a que está exposto e sobre as quais carece o mínimo de poder (ENGELS, 2008, p. 155).

Desse modo, o desemprego mostrou-se enquanto parte integrante modo de produção capitalista ao longo de sua constituição e amadurecimento, sendo fundamental para garantir a própria reprodução do capital (MARX, 2013), uma vez que um vasto exército de reserva possibilita que os salários sejam rebaixados e as condições de trabalho cada vez mais precarizadas, na medida em que o trabalhador que se recusa a aceitar as condições impostas para a realização de seu trabalho torna-se facilmente descartado e substituído por outro que as aceite no lugar do desemprego. Não obstante, o fenômeno do desemprego ocorre de maneira histórica e socialmente determinada, assumindo formas específicas mediante o contexto histórico em que está alocado, tal como veremos ao longo deste trabalho.

Vale ressaltar que a condição de estar desempregado produz efeitos extremamente nocivos na vida do trabalhador, que não encontra possibilidades de vender sua força de trabalho e, conseqüentemente, tem ameaçada sua própria existência, uma vez que precisa existir primeiramente enquanto trabalhador para poder se realizar enquanto sujeito dentro do capitalismo (MARX, 2010). Com sua força de trabalho rebaixada à condição de mercadoria, a própria vida do trabalhador está sujeita aos movimentos inconstantes do mercado, de tal forma que o desempregado se torna quase que um “não-ser” perante a sociedade capitalista,

³ É particularmente interessante notar os avanços tecnológicos no decorrer do século XIX em relação ao desemprego, uma vez que impulsionou grande revolta e resistência entre trabalhadores que, em um primeiro momento, enxergavam as máquinas como grande culpada de sua situação de miséria e falta de trabalho. Não por acaso, movimentos como o do ludismo ganharam força, com operários destruindo e boicotando o vasto maquinário industrial no ramo da tecelagem.

que não o reconhece na medida em que está fora das relações que reproduzem o capital (MARX, 2010).

A seguir, examinaremos como se deu a relação capital-trabalho a partir do século XX, com um capitalismo cada vez mais amadurecido e que estendeu sua influência globalmente, alavancando a relação assalariada enquanto dominante e impulsionando, inclusive, novas técnicas de gestão da produção capazes de influenciar em outras esferas da sociedade. Apesar de um amadurecimento progressivo do capitalismo, veremos como tal modo de produção continuou sendo marcado por crises cíclicas e pela resistência dos trabalhadores que, também progressivamente, pareciam se reconhecer enquanto classe.

1.2 A relação entre capital e trabalho no século XX

a) Fordismo e a crise de 1929

Com um capitalismo que já se expandia fortemente e em escala global, pode-se dizer que o início do século XX foi marcado pelos primeiros passos dados rumo à formação fordista de organização técnica, sendo emblemática as medidas de Henry Ford que introduziu, em 1914, o dia de oito horas de trabalho e cinco dólares como recompensa para os operários das grandes linhas de montagem automobilísticas (HARVEY, 2008a). Configurava-se uma nova concepção acerca de uma produção em massa de mercadorias, de modo homogeneizado e verticalizado, com máxima racionalização no que diz respeito às operações realizadas pelos trabalhadores, estes cada vez mais convertidos enquanto apêndice das máquinas e resultando, assim, numa maior capacidade de extração da mais-valia (ANTUNES, 2009).

O veículo Ford T pode ser considerado a expressão máxima dessa produção que também significaria consumo em massa. Uma transformação na maneira de produzir e consumir necessariamente resulta em uma nova estética e uma nova psicologia social (HARVEY, 2008a), tendo em vista que tal racionalização, como afirmou Gramsci (2007), determinou a necessidade de elaborar um novo tipo de trabalhador, adequado a um novo tipo de trabalho e processo produtivo. Ou seja, o disciplinamento e controle do trabalho envolve diversos elementos, que devem ser organizados não somente no local de trabalho, mas na sociedade como um todo (HARVEY, 2008a).

Nota-se que o advento do fordismo se deu enquanto produto de processos anteriores, envolvendo o aprofundamento da divisão do trabalho e do desenvolvimento técnico-científico, do qual a “gerência científica” iniciada por Frederick Taylor nas últimas décadas do século

XIX se configurou enquanto nítido exemplo. Tal gerência científica, como foi chamada, empenhou-se em aplicar os métodos da ciência ao controle do trabalho, adaptando o movimento dos trabalhadores às necessidades do capital (BRAVERMAN, 1977). Além disso, o constante crescimento dos Estados Unidos enquanto potência econômica mundial, representando os valores burgueses de uma sociedade que acabara de vencer uma Guerra Mundial sem maiores impactos para sua economia, também representava uma vitória do capitalismo sob a égide fordista.

Ou seja, mediante um forte acúmulo de riquezas e fluxo de capitais após a Primeira Guerra Mundial, a poupança nacional e as rendas dos saldos comerciais durante a primeira guerra mundial foram superavitários, obtidos tanto pela venda de armas à Europa quanto com empréstimos de capitais aos europeus para reconstrução pós-guerra (COGGIOLA, 2015). No entanto, a prosperidade econômica estadunidense estava longe de ser partilhada, aprofundando desigualdades já existentes e criando uma acumulação de estoques, uma vez que o crescimento do mercado não acompanhava o ritmo da produção.

Mesmo apresentando essas condições favoráveis, o otimismo não estava destinado a perdurar muito, pois a prosperidade escondia graves problemas estruturais: a baixa taxa de lucros, o alto grau de concentração de renda, razoável nível de desemprego, fatores que, quando maximizados, dariam origem a uma crise econômica sem paralelos no passado, e mundial (COGGIOLA, 2015, p. 03).

Com o advento da crise de 1929, indústrias se viram obrigadas a desacelerar o ritmo de sua produção, consolidando o ciclo vicioso marcado pela demissão de milhares de trabalhadores que, por sua vez, não mais poderiam consumir como antes, resultando em mais produtos estocados e, conseqüentemente, baixa lucratividade e perda de investimentos (COGGIOLA, 2015). Desse modo, a condição da classe trabalhadora estadunidense acabou por colapsar em altos níveis de desemprego e miséria, ao passo que o governo do país, com Franklin D. Roosevelt a frente, começou a delinear novas formas de políticas econômicas em meio a crise do liberalismo. A intervenção estatal, patrocinada pelo chamado New Deal que fora inspirado nas ideias de John Maynard Keynes, ganhou forma com o intuito de salvar o capitalismo (HARVEY, 2008a).

b) A Consolidação do Estado de bem-estar social

Segundo Castel (2009), ao longo da história, práticas de caráter social-assistencial surgiram a partir de uma necessidade interna das sociedades em questão, como uma “intervenção da sociedade sobre si mesma, diferentemente das instituições que existem em nome da tradição e do costume” (CASTEL, 2009, p.57). A assistência seria um meio de auxiliar

aqueles “ameaçados de afastamento social e incapaz de prover suas necessidades por seus próprios meios” (CASTEL, 2009, p. 60).

Se levarmos em consideração uma concepção marxista acerca de tal assistencialismo dentro da sociedade capitalista, podemos dizer que sua função também “ameniza”, de certa forma, os choques e contradições sociais que necessariamente são produzidas pela dinâmica do capital. Nesse sentido, foi somente após o quase colapso do capitalismo liberal na década de 30 e a constante luta dos trabalhadores desde o século XIX contra a irracionalidade do capital que seus governos começaram a formular uma nova concepção de uso do Estado, amadurecida somente após 1945 e o conturbado período da Segunda Guerra Mundial (HARVEY, 2008a).

Vale ressaltar que o fordismo também alcançou sua maturidade como regime de acumulação acabado, formando a base econômica do período de expansão pós Segunda Guerra que se manteve mais ou menos operante até a década de 1970 (HARVEY, 2008a). Ao longo desse período, observou-se um crescimento econômico relativamente estável entre os países capitalistas europeus e norte-americanos, com a consequente elevação da condição de vida da classe trabalhadora e maior generalização do termo “classe média”, composta por trabalhadores “nem ricos nem pobres”. Por trás de tal estabilidade econômica, estava o advento das políticas keynesianas estatais, em que o Estado assumia novos papéis assistencialistas e institucionais (HARVEY, 2008a).

O sistema de “compromisso” e “regulação” resultante do Welfare State visava uma espécie de compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado (ANTUNES, 2009), não por acaso, ergueu-se uma estrutura sindical que colocou-se como representante oficial dos trabalhadores, ganhando considerável poder na esfera coletiva e relacionando-se com partidos políticos (ANTUNES, 2009; HARVEY, 2008a). A organização coletiva dos trabalhadores, no sentido de negociar melhores condições e salários, torna-se um dos elementos por trás das relações fordistas-keynesianas, porém, a burocratização por trás dos sindicatos garantiu que elementos mais radicalizados da classe trabalhadora fossem devidamente silenciados em prol de uma cooperação entre patrões e empregados, combatendo as tentativas que ultrapassassem esse compromisso (ANTUNES, 2009).

O Estado, por sua vez, assumia obrigações variadas, desde tentativas em controlar ciclos econômicos do capital, através de políticas fiscais e monetárias, até fornecer assistências sociais envolvendo seguridade social, educação, habitação, assistência médica, etc. Além disso, os investimentos públicos tornavam-se peça-chave para um maior crescimento da produção e do consumo, visando, principalmente, a tentativa de garantir o pleno emprego (HARVEY, 2008a). Não obstante, é impossível referir-se ao modelo do Estado de bem-estar social sem

ressaltar que sua existência ficou restrita aos países capitalistas “avançados”, ou seja, as ditas nações do “terceiro mundo” estavam totalmente excluídas do compromisso social-democrata (ANTUNES, 2009). A enorme exploração do trabalho realizada nos demais países fora da influência do *Welfare State* garantiu a manutenção de inúmeras formas de opressão pelo domínio do capital em troca de ganhos mínimos aos trabalhadores.

Sabemos que, no que concerne à sociedade brasileira, a condição de pleno emprego e as políticas de bem-estar social patrocinadas pelo Estado nunca foram uma realidade, com o país marcado por um elevado número de trabalhadores desempregados ou excluídos dos vínculos formais de emprego, inseridos em ocupações desprotegidas e informais no contexto de um capitalismo periférico e dependente (ANTUNES, 2009), prioritariamente voltado a atender os interesses de uma burguesia nacional que, além de se comportar de modo autocrático (FERNANDES, 1976), colabora ativamente com os interesses do mercado internacional.

c) Reestruturação produtiva e acumulação flexível

Após décadas de acumulação de capital sustentada sobre as bases do keynesianismo-fordismo, o capitalismo encontrou-se em profunda crise estrutural, em que um processo de reestruturação produtiva ganhou forma a partir da década de 1970 e inaugurou mudanças profundas no mundo do trabalho. Nesse sentido, embora as regras básicas do modo de produção capitalista tenham continuado a operar como forças invariantes do desenvolvimento histórico (HARVEY, 2008a), houve uma grande transformação, tanto nos aspectos objetivos, quanto subjetivos das relações de trabalho, em que o chamado toyotismo e a era da acumulação flexível emergiram no ocidente (ANTUNES, 2009).

Os fatores que impulsionaram a chamada reestruturação produtiva estão intimamente relacionados com a redução do poder norte-americano no que diz respeito à regulamentação do sistema financeiro internacional, tendo em vista a própria intensificação da competição global mediante o avanço de potências da Europa Ocidental e do Japão. Além disso, a rigidez fordista há muito prejudicava investimentos de caráter mais flexível em mercados de consumo invariantes (HARVEY, 2008a). No caso do Japão, é emblemática a consolidação da forma organizacional técnica do toyotismo, que adaptava o capitalismo às condições específicas da realidade japonesa, a partir de um ideal maior de flexibilidade e polivalência. Através da concepção “Just in Time”, as demandas da produção diferenciadas e variadas eram pensadas visando o menor desperdício possível (CORIAT, 1993).

Também é preciso considerar a eclosão de revoltas da classe trabalhadora em oposição à rigidez burocrática que caracterizava o modo de organização fordista, que configurava um

trabalho desprovido de sentido e com atuação repetitiva (ANTUNES, 2009), além de uma maior diversificação dos trabalhadores no que diz respeito à raça, idade e gênero, contrastando com o trabalhador homem e branco que comumente era visto como o “operário padrão”. Um dos movimentos emblemáticos da época e que enfatiza o questionamento às formas tradicionais, tanto de trabalho quanto de estrutura familiar, sexualidade e moral foi o Maio francês de 68, marcado pelo protagonismo de uma juventude insatisfeita ao lado de trabalhadores que levantaram barricadas e impulsionaram greves gerais pelo país. Desse modo, há uma interação entre a crise capitalista e a oposição dos trabalhadores perante um mundo racionalizado, burocratizado e marcado pela rigidez.

Além do esgotamento econômico do ciclo de acumulação (manifestação contingente da crise estrutural do capital), as lutas de classes ocorridas ao final dos anos 60 e início dos anos 70 solapavam pela base o domínio do capital e afluíam as possibilidades de uma hegemonia (ou uma contra-hegemonia) oriunda do mundo do trabalho. A confluência e as múltiplas determinações de reciprocidade entre esses dois elementos centrais (o estancamento econômico e a intensificação das lutas de classes) tiveram, portanto, papel central na crise dos fins dos anos 60 e início dos 70 (ANTUNES, 2009, p.44).

Nesse sentido, as mutações no mundo do trabalho iniciadas nos anos 70 são oriundas de diversos fatores, refletindo o contraditório movimento de um capitalismo em crise, agora apoiado na flexibilização envolvendo tanto os processos de trabalho quanto a organização da produção e dos padrões de consumo (HARVEY, 2008a). Dentre os fatores que constituem esse momento de reestruturação produtiva rumo à acumulação flexível estão a eliminação de unidades de produção, o “enxugamento” de postos de trabalho em função da liofilização organizacional e a grande retirada e desregulamentação dos direitos anteriormente conquistados pela classe trabalhadora, resultando, assim, em um cenário de insegurança diante de trabalhos precários, escassos e, muitas vezes, informais, além da consequente ampliação das desigualdades sociais já existentes (ANTUNES, 2009).

Nota-se ainda o surgimento da necessidade de trabalhadores cada vez mais “polivalentes” e “flexíveis”, capazes de se adaptarem às flutuações da demanda e realizarem atividades variadas, garantindo, assim, uma resposta imediata às incertezas do mercado tomadas enquanto imperativos categóricos para a lógica empresarial (CASTEL, 2009). Como resposta à sua própria crise, o processo de reorganização do capital, no sentido da flexibilização, resultou na progressiva elevação dos níveis de desemprego estrutural, tendo em vista as transformações tecnológicas respaldadas pela adoção de novas formas técnicas de gestão e organização do trabalho, que objetivavam, principalmente, a redução de custos e o aumento da competitividade dentro de uma economia aberta e globalizada (BÁRBARA, 1999).

Consolida-se, assim, um duplo cenário de sofrimento para os milhares de homens e mulheres que dependem exclusivamente de sua força de trabalho para sobreviver: de um lado, enfrentam empregos precarizados e intermitentes; de outro, vivenciam diretamente o drama do desemprego. Ou seja, na mesma medida em que a lógica destrutiva do capital descarta milhões de trabalhadores anteriormente empregados, também recria novas modalidades de trabalhos informais, flexíveis e terceirizados que afetam os níveis de remuneração daqueles que se mantêm em posições mais estáveis (ANTUNES, 2018), estando estes constantemente ameaçados pelo desemprego. Sendo assim, é nítida a centralidade que o fenômeno do desemprego assume em um contexto de flexibilização, que apesar de aumentar drasticamente no mundo do trabalho atual, sempre foi um elemento fundamental para a reprodução do capital (MARX, 2013). Tal cenário se configura paralelamente ao retrocesso do poder sindical marcante na era fordista, em que saídas individuais tornam-se priorizadas em detrimento de qualquer luta classista (HARVEY, 2008a).

Levando em consideração a realidade brasileira, diferentemente do cenário europeu, o sistema de proteção aos desempregados sempre foi nulo ou extremamente escasso, em que os trabalhadores constantemente encontram-se obrigados a "saltar" entre trabalhos informais, de curta duração e mal remunerados. Ou seja, a reestruturação produtiva, em nosso país, deu-se nos marcos de uma condição subalterna e de total dependência. Pode-se dizer que o advento do padrão da acumulação flexível ocorreu a nível mundial, mas de maneira desigual e combinada (ANTUNES, 2009).

Posteriormente, nota-se que o impulso da acumulação flexível também se somará ao advento definitivo do neoliberalismo enquanto “nova razão de mundo” (DARDOT e LAVAL, 2016), configurando práticas específicas dentro da lógica do capital, tanto no que se refere aos seus aspectos políticos-econômicos, quanto aos seus aspectos ideológicos nas múltiplas relações sociais.

d) A consolidação do neoliberalismo enquanto projeto político-econômico dominante

O advento do neoliberalismo encontra-se intimamente ligado ao contexto da crise de acumulação do capital na década de 70, que combinou elevadas taxas de desemprego com uma inflação cada vez mais acelerada (HARVEY, 2008b), paralelamente à elevação de preços pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e os embargos econômicos dela decorrentes. Se, anteriormente, em resposta à grande depressão nos anos 30, a teoria keynesianista de maior intervenção estatal ganhou forte proeminência, a partir dos 70, nomes

como Friedrich Hayek, Milton Friedman e Ludwig von Mises tornaram-se mais relevantes para os anseios econômicos da burguesia, tendo em vista que condenavam a intervenção do Estado na economia e exaltavam o movimento “autossuficiente” do mercado para regular seus múltiplos aspectos.

A vitória de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha e de Ronald Reagan nos Estados Unidos são emblemáticas para caracterizar o avanço das políticas neoliberais, envolvendo desde ataques ao poder sindical, desmantelamento da proteção social do Estado, privatização de empresas públicas e desregulamentação (HARVEY, 2008b). A partir disso, o ideário neoliberal transformou-se na diretriz central da administração econômica, com o Consenso de Washington sendo um dos grandes marcos para se pensar a “exportação” do modelo neoliberal para os países latino-americanos.

A mensagem neoliberal que o Consenso de Washington registraria vinha sendo transmitida, vigorosamente, a partir do começo da Administração Reagan nos Estados Unidos, com muita competência e fartos recursos, humanos e financeiros, por meio de agências internacionais e do governo norte-americano. Acabaria cabalmente absolvida por substancial parcela das elites políticas, empresariais e intelectuais da região, como sinônimo de modernidade, passando seu receituário a fazer parte do discurso e da ação dessas elites, como se de sua iniciativa e de seu interesse fosse (BATISTA, 1994, p. 06).

Segundo Harvey (2008b), por neoliberalismo, entende-se um conjunto de práticas político-econômicas que propõe alcançar o bem-estar humano promovendo as liberdades e capacidades empreendedoras individuais, no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada e ao livre mercado. Ou seja, o desmonte de determinados setores estatais em prol de privatizações, a desregulamentação do trabalho e o ataque à proteção social caracterizam o neoliberalismo enquanto política de Estado.

Nota-se que, embora exista no discurso neoliberal uma posição que condena o papel do Estado, este torna-se extremamente fundamental para garantir todas as imposições neoliberais, seja em relação às estruturas e funções policiais, visando garantir a proteção da propriedade privada, seja destinando recursos públicos para os bancos privados em momentos de crise financeira. Isso nos leva a resgatar a compreensão marxista acerca do Estado, que, antes de ser uma oposição ao mercado, na realidade, atua intimamente ligado ao movimento do capital, uma vez que representa, em última instância, os interesses da classe proprietária (MARX; ENGELS, 2007). Desse modo, o Estado se constitui enquanto elemento fundamental ao funcionamento do capitalismo, garantindo, constitucionalmente ou pela força, que os interesses do mercado prevaleçam.

Principalmente a partir do Consenso de Washington, admitiu-se a tese da falência do Estado no que diz respeito à sua capacidade de formular políticas macroeconômicas, sendo tal

responsabilidade transferida a organismos internacionais intimamente relacionados ao poderio estadunidense, tais como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial (BATISTA, 1994). Desse modo, em paralelo à condenação de qualquer assistencialismo estatal, temos o recuo de suas funções básicas no que diz respeito à sua soberania. Embora o discurso estadunidense defenda de modo abstrato um complemento entre democracia e mercado, a experiência “neoliberalizante” na América Latina evidenciou a preferência do segundo aspecto sobre o primeiro, tal como evidenciou o caso do Chile sob o regime de Pinochet⁴. A seguir, será realizado um breve panorama histórico do neoliberalismo no Brasil.

1.3 Neoliberalismo no Brasil: um breve resgate histórico

a) Governos Collor e FHC

O avanço das políticas neoliberais no Brasil se deu em um contexto de esgotamento do chamado “Estado desenvolvimentista”, baseado no tripé Estado-Capital estrangeiro-Capital nacional, tendo em vista o crescente endividamento interno e externo do país, aliado à redução do gasto e do investimento públicos. Com a vitória política de Fernando Collor à presidência, em 1990, os traços de uma política neoliberal se tornaram mais nítidos, sobretudo suas consequências sociais (SOARES, 2001).

Sua proposta econômica centrava na “desregulamentação”, que principalmente visava abolir a regulação do Estado na relação capital-trabalho. Além disso, a privatização de empresas estatais, sob o discurso destas serem “ineficientes” e “ineficazes”, garantia o ideário de que somente o setor privado poderia proporcionar a racionalidade necessária a tais empresas (SOARES, 2001). Vale ressaltar que tal ideologia acerca da privatização se espalhou para diversos setores, incluindo áreas sociais relacionadas à saúde, educação, dentre outras.

Posteriormente, com a chegada de Fernando Henrique Cardoso ao poder, o liberalismo econômico continuava predominante, com as funções estatais sendo transferidas para a esfera privada, assim como serviços públicos (SALLUM JR., 2000). O governo de FHC buscava sintonizar-se com os ditames do capitalismo financeiro mundial, em um contexto de queda da

⁴ Não é da competência deste trabalho adentrar em mais detalhes sobre o governo de Pinochet, porém, é preciso ressaltar que seu governo promoveu reformas neoliberais no Chile sob a orientação dos economistas denominados “Chicago Boys”, ao mesmo tempo que impôs uma ditadura que resultou na morte ou desaparecimento de milhares de pessoas. Além disso, Friedrich Hayek, economista austríaco de grande reputação entre os neoliberais, ao comentar sobre o governo de Pinochet, afirmou preferir uma ditadura liberal em oposição a regimes que, segundo ele, não asseguram a dita “liberdade individual” que supostamente defendia (JUNIOR, 2018).

União Soviética e maior difusão do mercado no âmbito global. Pode-se dizer que, desde o Plano Real, o “neoliberalismo brasileiro” dominava a administração política monetária e cambial (SALLUM JR, 2000).

b) O social-liberalismo nos governos Lula e Dilma

Quando o período de FHC chega ao fim, inicia-se o governo Lula em 2003 que, apesar de apresentar diferenças com a linha política-econômica de seu antecessor, ainda é marcado “mais pela continuidade do que pela ruptura com o neoliberalismo, ainda que sob a variante do social-liberalismo” (ANTUNES, 2018, p.222).

Sua política econômica preservava a hegemonia dos capitais financeiros, reiterando as determinações do FMI. E mais: ao preservar a estrutura fundiária concentrada, dar incentivo aos fundos privados de pensão e determinar a cobrança de impostos dos trabalhadores aposentados, o governo Lula não alterava nenhum traço essencial da formação social brasileira. (ANTUNES, 2018, p.222)

Não obstante, já no início do seu segundo mandato, Lula elevou o caráter assistencialista de seu governo mediante a ampliação de programas como o Bolsa Família, que atingiu milhões de famílias pobres através de um complemento em suas rendas. Nota-se que tais políticas assistencialistas focaram nos setores mais pauperizados da população brasileira, que geralmente dependiam da assistência do Estado para sobreviver (ANTUNES, 2018). Houve, ainda, um relativo aumento do salário mínimo em comparação aos governos anteriores de FHC e Collor. Não obstante, apesar de existirem políticas protetivas que trouxeram poucos, mas efetivos ganhos reais para os setores mais pauperizados da classe trabalhadora, é preciso ressaltar que tais medidas não confrontaram os pilares estruturantes da desigualdade social brasileira, na qual a riqueza de uma minoria continuou se ampliando significativamente (ANTUNES, 2018).

Com a chegada de Dilma à presidência da república, o receituário político continuava semelhante ao de seu antecessor, uma vez que se baseava no crescimento econômico com ênfase na expansão do mercado interno e na produção de commodities para a exportação (fortalecendo principalmente o capital vinculado ao agronegócio). Porém, as manifestações de junho de 2013 marcaram o primeiro governo de Dilma, sendo motivada pela percepção de que o projeto que vinha se desenvolvendo no país desde a década de 90 estava resultando, em última instância, em graves problemas sociais.

Desse modo, trabalhadores e jovens denunciavam a precarização do transporte público, o sucateamento da saúde pública, dentre outros questionamentos. O perfil diversificado das manifestações de junho de 2013, unindo desde setores populares, jovens estudantes que

trabalham e estudam, trabalhadores formais e informais, também incluiu setores mais conservadores, muitas vezes relacionados à classe média. Apesar de não terem conduzido as manifestações, nota-se o avanço dos setores conservadores, que estimulavam sua campanha contra o governo do PT enquanto principal problema do país (ANTUNES, 2018).

Já em seu segundo mandato, e tendo em vista o cenário de crise econômica que assolava o país, principalmente em virtude das consequências da crise mundial de 2008, Dilma aprovou medidas envolvendo redução de direitos trabalhistas, como a redução do seguro-desemprego, além de um ajuste fiscal que afetou, principalmente, os setores mais pobres da classe trabalhadora (ANTUNES, 2018). À medida que a crise se intensificava, a bandeira contra os governos do PT se elevou ainda mais, tanto a partir dos principais veículos de mídia ligados aos interesses da classe dominante – esta que ansiava por um projeto político de desmonte efetivo do caráter assistencialista do Estado e em prol do mercado –, quanto aos setores da classe trabalhadora que não mais se sentiam representados. Posteriormente, presenciou-se o impeachment de Dilma Rousseff e a chegada de seu vice, Michel Temer, ao poder.

c) A volta do receituário neoliberal: governos Temer e Bolsonaro

Após o impeachment de Dilma Rousseff e a saída do PT do governo federal, abriu-se caminho para uma diretriz abertamente neoliberal, sendo a reforma trabalhista⁵ de 2017 um dos expoentes máximos de maior submissão dos trabalhadores aos interesses dos empresários, com a conseqüente ampliação da terceirização e do chamado contrato temporário (KREIN, 2018), além de amplas privatizações. Contudo, não se trata de uma realidade que começa com a reforma, mas que se aprofunda a partir dela, uma vez que o Brasil sempre fora marcado por um mercado de trabalho inserido na informalidade, desigualdade salarial, baixos salários e precariedade.

Ainda sim, evidencia-se o comprometimento do governo Michel Temer em garantir a corrosão da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em prol dos interesses do grande empresariado, impulsionando o avanço do trabalho informal, flexível, terceirizado e que garantisse uma maior extração de mais-valor mediante a ampliação da jornada de trabalho, ao passo que problemas estruturais como o desemprego continuavam a aumentar (ANTUNES,

⁵ A Reforma Trabalhista de 2017 ganhou adeptos através de seu discurso que prometia maior geração de empregos. Contraditoriamente, o que dados estatísticos nos revelaram foi um aumento do desemprego, uma vez que, em comparação a 2014, a população desempregada no país subiu 86,4% em 2017. Mais informações em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20118-entre-2014-e-2017-desemprego-cresceu-mais-em-santa-catarina-e-no-rio-de-janeiro#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%20a%20taxa%20de,desempregada%20subiu%2086%2C4%25.> acessado em: 13/12/2022.

2018). Na verdade, o crescimento do desemprego também constitui uma alavanca para a aceitação de trabalhos precários, uma vez que o alto índice de desempregados permite uma maior maleabilidade por parte dos empregadores, tanto em relação aos salários, quanto em relação às condições de trabalho.

A partir da chegada de Jair Bolsonaro à presidência da república, estava claro que a pragmática neoliberal iria continuar e até mesmo aumentar sua influência política e econômica no país, tendo em vista a exaltação ao ministro da economia Paulo Guedes, que colocava-se enquanto entusiasta de privatizações, maior abertura ao mercado externo e retirada de direitos trabalhistas, estes vistos como “burocracia” desnecessária ao “fluido” movimento do mercado.

Já no final de 2019, fora anunciada a medida provisória nº 905, propondo a chamada carteira verde e amarela, prevendo alterações na CLT, principalmente no que diz respeito à juventude, uma vez que, segundo o governo, a medida teria como objetivo gerar mais empregos para os jovens através da flexibilização da contratação (PIRES, 2021). Embora essa proposta tenha fracassado, o discurso mobilizado pelo ministério da economia continuou semelhante àquele utilizado por Temer, que culpabilizava as leis trabalhistas e o “excesso” de regulações enquanto fortes entraves ao mercado e ao crescimento econômico.

Posteriormente, o advento da pandemia da covid-19 a partir de 2020, que ocorreu na esteira de um capitalismo neoliberal em crise, resultou na forte proliferação do vírus que, ao lado dos milhões de óbitos a nível mundial, desempregou milhões de trabalhadores e trabalhadoras (ANTUNES, 2022). No contexto pandêmico, a classe trabalhadora viu-se, segundo Antunes (2022), sob intenso fogo cruzado, necessitando vender sua força de trabalho para garantir os meios básicos de subsistência em meio à contaminação virótica, somado à pragmática do neoliberalismo. É preciso ressaltar, porém, que os índices de desemprego já estavam muito elevados antes mesmo da pandemia, contabilizando cerca de 12,6 milhões de pessoas desempregadas no Brasil em 2019, além dos grandes índices de informalidade.

Os efeitos das políticas neoliberais para com o setor da saúde evidenciaram suas consequências, posto que o sucateamento progressivo do SUS (Sistema de Saúde Universal) acarretou em dificuldades no atendimento de pessoas infectadas pela doença. Não obstante, a postura do governo Bolsonaro, clamando que a “economia não podia parar”⁶, juntamente com grandes empresários⁷ como Luciano Hang, Junior Durski e Roberto Justus, demonstrou que,

⁶ Mais informações em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/economia-nao-pode-parar-por-cao-do-coronavirus-diz-bolsonaro/> acessado em: 14/11/2022

⁷ Mais informações em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/nao-podemos-parar-por-7-mil-que-vao-morrer-e-molecada-na-favela-nem-pegas-os-bolsonaristas-sobre-o-coronavirus/> acessado em: 14/11/2022

mesmo com o risco de morte em virtude da pandemia, o movimento contínuo de autovalorização do capital era prioridade. Nota-se que as mortes resultantes da covid-19 também são socialmente determinadas, afetando, principalmente, aqueles que não tiveram o privilégio de ficar em casa (SANTOS, 2020).

Os ataques à classe trabalhadora por parte do governo Bolsonaro são nítidos em falas recorrentes do presidente e de outros membros de seu governo. Em um desses casos, a juventude obrigada a trabalhar e sem oportunidades de prosseguir os estudos também é submetida à lógica meritocrática e individualizante, como se precisasse “ralar” se quisesse mudar sua situação. Isso fica evidente quando, na segunda metade de 2020, Bolsonaro defendeu publicamente que as crianças não deveriam ser impedidas de trabalhar⁸. Paulo Guedes, por sua vez, chegou a tratar como absurda a entrada do filho de um porteiro no Ensino Superior⁹. Desse modo, crianças e jovens que, por direito, deveriam ter garantia de educação e acesso às instituições escolares, acabam por não prosseguir nos estudos, entrando em um mercado de trabalho precarizado e com baixo rendimento (PIRES, 2021).

A lógica neoliberal prossegue, assim, vorazmente no governo Bolsonaro, mediante um discurso de desumanização dos sujeitos em prol de um movimento incessante do capital, que garante enormes taxas de exploração e acúmulo de mais-valor aos empresários que, muitas vezes, fazem coro com os discursos do atual presidente. Os índices de desemprego, que já eram elevados, ganharam um impulso a mais com a pandemia da covid-19, em que o ano de 2021 acumulou cerca de 12 milhões de desempregados¹⁰ segundo o IBGE. Vale ressaltar ainda que, embora os índices venham melhorando minimamente nos últimos tempos (cenário pós-pandemia), ainda prevalece o elevado número de pessoas na informalidade, subcontratação, empregos de péssima qualidade e rebaixados em direitos após a reforma, além dos desalentados, que muitas vezes não são sequer contabilizados entre os desocupados.

1.4 Ideologia neoliberal e desemprego

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 188 milhões de pessoas estavam desempregadas ao redor do mundo em 2019, com expectativa de contínuo

⁸ Mais informações em: <https://exame.com/brasil/deixa-a-molecada-trabalhar-diz-bolsonaro-ao-defender-trabalho-infantil/> acessado em: 14/11/2022

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/30/paulo-guedes-critica-o-fies-e-diz-que-filho-de-porteiro-tirou-zero-na-prova-e-conseguiu-financiamento.ghtml> acessado em: 14/11/2022

¹⁰ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-fecha-2021-com-12-milhoes-de-desempregados-diz-ibge/> acessado em: 14/11/2022

crescimento dessa taxa em virtude da elevada escassez de empregos (OIT, 2020b). Em 2020, os índices de desemprego, que já estavam em constante alta, atingiram proporções alarmantes e em escala global.

Atualmente, a condição de desempregado parece adquirir uma nova forma, desprovida de qualquer caráter “transitório” e configurando o que Antunes (2018) caracteriza como um processo de expulsão de uma significativa parcela de trabalhadores, que se tornam sobrantes e descartáveis. Não obstante, para além dos aspectos políticos e econômicos, ainda é preciso ressaltar um aspecto fundamental da lógica neoliberal: sua extensão e interiorização ideológica, configurando subjetividades e formas de sociabilidade específicas.

Nesta pesquisa, a discussão acerca da “ideologia” é compreendida tal como alocada na tradição marxista, tendo em vista as elaborações de Marx e Engels (2007) sobre as ideias dominantes de uma determinada época estarem intimamente ligadas à sua classe dominante, sendo impossível compreender a produção das ideias sem considerar as relações sociais que possibilitam seu surgimento. Vale ressaltar as complementações de Gramsci (1999) acerca da ideologia, compreendida não como meras “ilusões” ou “aparências”, mas um processo que se manifesta na realidade objetiva e operante, tendo, portanto, consequências sociais específicas.

No caso da ideologia neoliberal, percebe-se um processo capaz de remodelar comportamentos, visões de mundo e a própria subjetividade dos sujeitos, estabelecendo-se, assim, enquanto “norma geral” de vida (DARDOT; LAVAL, 2016) e estendendo sua influência para todas as manifestações da vida individual e coletiva (GRAMSCI, 1999). A ideologia do neoliberalismo tornou-se hegemônica enquanto modalidade de discurso, afetando os modos de pensamento, as práticas cotidianas e as maneiras com que muitas pessoas compreendem o mundo (HARVEY, 2008b).

No caso do desemprego, o discurso ideológico dominante busca reduzir o problema a um viés individual e meritocrático, apontando os trabalhadores desempregados enquanto pessoas que “não se esforçaram o suficiente”, “precisam empreender”, “não se qualificaram”, “estão assim porque querem”, “são vagabundos”, etc. Tudo isso torna-se passível de ser assimilado pelos indivíduos enquanto verdades absolutas, consolidando uma hegemonia do capital capaz de articular, de modo original, a coerção capitalista e o próprio consentimento do trabalhador, atribuindo apenas a ele a “culpa” pelo fracasso em relação à sua inserção profissional (ALVES, 2007).

No que diz respeito ao vasto contingente de trabalhadores desempregados e desalentados atualmente no Brasil, a sociedade regida pelo mercado apresenta-lhes como alternativas à tal situação o recurso ao empreendedorismo ou a responsabilização individual da

empregabilidade (SILVA, 2002), isto é, soluções individuais e que ressignificam o problema social e estrutural do desemprego enquanto um fenômeno que emana do próprio sujeito. Com isso, todo o contexto econômico e social por trás do desemprego é ocultado, atribuindo ao próprio indivíduo as causas que impedem seu sucesso na vida.

a) Empreendedorismo

De certo modo, a figura do empresário inovador e empreendedor “criador” se constitui enquanto um dos principais personagens mobilizados para exaltar a capacidade de inovação no capitalismo. Schumpeter (1997), por exemplo, afirmava que a figura do empreendedor era munida de uma capacidade e intuição específicas, enxergando as coisas além do senso comum. O ato de empreender é comumente retratado como a tentativa de conseguir ou tentar realizar algo considerado difícil, transformando a realidade à sua volta.

Não por acaso, Schumpeter também discorreu acerca de uma “destruição criadora”, em que antigos produtos e hábitos de consumo são destruídos e substituídos por outro, com a figura do empreendedor sendo fundamental para dar movimento a tais mudanças. É interessante notar, ainda, que o economista austríaco costumava afirmar que a capacidade criativa de determinado sujeito encontrava seu ápice entre os 20 e os 30 anos de idade (SCHUMPETER, 1997), isto é, em seu período de juventude. Ou seja, mesmo em formulações iniciais acerca do empreendedorismo, tal categoria já caminhava ao lado de um suposto potencial inovador do jovem adulto.

Não obstante, mesmo com a concepção schumpeteriana sobre o empreendedor ter se consolidando enquanto referência em torno da discussão, presencia-se, com o advento dos discursos e práticas neoliberais vigentes, uma “virada de chave”, com a “potencialidade” empreendedora se generalizando para os diversos segmentos da sociedade. A partir da virada neoliberal enquanto “nova razão de mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016), o dote do empreendedorismo se generaliza ao mesmo tempo em que se individualiza, de forma que cada sujeito, munido de um “espírito empresarial” que pode ser encontrado em cada um em graus diferenciados, deve identificar oportunidades e agir, seja para iniciar um negócio próprio ou garantir sua empregabilidade. Se, anteriormente, a figura empreendedora se relacionava intimamente com o empresário produtor, agora todos são potenciais empreendedores, com tal discurso sendo direcionado, inclusive, a milhões de trabalhadoras e trabalhadores em situação de desemprego e que precisariam, segundo a lógica empreendedora, arriscar e inovar para mudar sua situação.

Desse modo, é movimentado um vasto recurso simbólico que clama pela “essência” comercial dos indivíduos que precisam despertar o “empreendedor dentro de si” (DARDOT; LAVAL, 2016). Embora a história deixe evidente que nem sempre o comércio fez parte das relações sociais humanas, aqui a ideologia neoliberal apaga efetivamente qualquer lastro de historicidade, ou seja, se antes havia história, agora não há mais (MARX, 2013), o que há é o homem burguês universal e atemporal que, por sua natureza de negociante, buscará sempre “lucrar” de alguma forma. Ou seja, um modo de ser estabelecido social e historicamente torna-se agora universal e a-histórico. Não à toa, Marx e Engels afirmam a necessidade da burguesia de expressar seus interesses particulares como interesses universais, visando a manutenção de sua dominação (MARX & ENGELS, 2007).

Exige-se aos milhares de homens e mulheres desempregados que se comportem enquanto empresas, isto é, empresários de si próprios. O agente empreendedor é movido por uma espécie de “espírito empresarial”, em oposição a qualquer freio do Estado que atuaria contra a livre competição propagandeada pelo *laissez-faire* (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesta ótica, cada um se torna inteiramente responsável por sua saúde, por sua mobilidade, por sua adaptação aos horários variáveis, pela atualização de seus conhecimentos, tudo isso mediante a naturalização dos riscos que justifica ainda mais a diminuição de proteções aos trabalhadores, agora “aptos” a suportar as condições excludentes do neoliberalismo, ampliando e reforçando efetivamente as relações de competitividade através da adaptação subjetiva perante um cenário de forte exclusão e precarização.

Não obstante, ao invés de acabar com qualquer sentimento de alienação e estranhamento, a noção de um sujeito-empresa eleva o trabalho alienado a um novo patamar, em que o processo de interiorização de tal alienação implica ao trabalhador ser um “déspota de si próprio” (ANTUNES, 2006). O complexo da alienação e estranhamento ganham atualidade e peculiaridades específicas no século XXI. Se, no século XX, autores como Gramsci (2007) já discorriam sobre a necessidade do modo de produção capitalista em moldar um “tipo de homem” específico e adaptável às exigências produtivas da época, no capitalismo flexível e munido pelo neoliberalismo, novos moldes ganham forma no sentido de edificar uma concepção de trabalhador não mais hierarquizada, mas sim horizontalizada. Não se trata mais de trabalhadores e patrões, e sim de colaboradores.

Desse modo, noções ancoradas na meritocracia individual ganham predominância sobre a própria concepção acerca do sucesso e fracasso dos sujeitos, uma vez que só dependeria de suas próprias capacidades para obter qualquer conquista em suas vidas. O indivíduo neoliberal

é aquele ser “naturalmente” competitivo e inteiramente imerso na competição mundial, e que deve engajar-se plenamente em sua atividade profissional.

O efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir (DARDOT; LAVAL, p. 322, 2016).

Antes de acabar com qualquer sentimento de alienação do trabalho, tais técnicas de gestão de um sujeito-empresa a elevou para um nível jamais visto, uma vez que, ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação, o que realmente ocorre é uma interiorização ideológica de tal alienação na própria subjetividade, remodelando seus desejos, percepções e adequando-os à lógica empresarial. Trata-se agora de um “autogerenciamento” do sujeito, de tal forma que sua subjetividade se encontra inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra (DARDOT; LAVAL, 2016).

A solução neoliberal está, portanto, em individualizar qualquer problema social, de tal forma que produtos do sistema capitalista como o desemprego e a miséria também são individualizados como provenientes de um “mal gerenciamento” do sujeito-empresa. A coerção econômica e financeira também se reflete em auto coerção e auto culpabilização, sendo os sujeitos os únicos responsáveis por aquilo que lhes acontece. Configura-se, assim, um intenso processo de culpabilização do indivíduo, paralelamente ao aumento de casos de depressão, solidão e até mesmo suicídio.

Paralelamente, a ideologia neoliberal acerca do sujeito empreendedor busca insistir na necessidade de um amor incondicional ao trabalho enquanto sinônimo de felicidade (ZANON, 2019), visando principalmente captar a subjetividade daqueles que devem enxergar o trabalho enquanto caminho para a vitória pessoal. Nota-se uma nova forma de garantir o engajamento dos trabalhadores às suas funções que possibilitem a valorização do capital, que antes de mostrarem-se isentas de qualquer aspecto alienante ou coercitivo, na verdade as reconfiguram de forma original.

A conduta empreendedora molda, assim, novas formas de sociabilidade e novas formas de compreensão sobre o indivíduo acerca de si mesmo que, por mais recentes que sejam, carregam a característica inflexível do capitalismo de submeter os trabalhadores à lógica do mercado, ocultando as contradições sociais e garantindo a “colonização” da vida social pelos valores-fetiches que impregnam a nova pedagogia empresarial (ALVES, 2007).

A partir da valorização absoluta do trabalho pela ótica empreendedora enquanto sinônimo de felicidade e auto realização, os trabalhadores desempregados tornam-se ainda mais estigmatizados em um mundo do trabalho que individualiza a culpa pelos seus sucessos e fracassos, posto que, se o trabalho é o passaporte para realização pessoal, o desemprego é a aversão a tudo aquilo que um bom empreendedor almeja.

b) Empregabilidade

Em janeiro de 2022, foi exibido pelo Jornal Nacional¹¹ (assistido por milhões de brasileiros) uma reportagem que enfatizava como a falta de vagas no mercado teria obrigado muitos recém-formados a mudar os planos e empreender. Não obstante, ao lado do empreendedorismo, a matéria ressalta a empregabilidade através da fala de um CEO (diretor executivo) empresarial.

Se formou em Administração, ele pode se aprofundar em vendas digitais ou em publicidade via redes sociais. Enfim, com pequenas certificações, se aprofundar e realmente se especializar, porque é o que o mercado quer. O mercado cada vez menos quer profissionais genéricos e cada vez mais quer profissionais especialistas e ágeis, dinâmicos o suficiente para navegar em diversas oportunidades que são apresentadas todos os dias. (André Dratovsky, fundador e CEO da Elleve)

O discurso da empregabilidade carrega um efeito simbólico e ideológico de convencimento e justificativa do cenário de elevado desemprego, capaz de modificar a autoimagem e visão de mundo dos próprios trabalhadores (SILVA, 2002), dizendo respeito à capacidade que um profissional tem de conseguir uma oportunidade de trabalho e, sobretudo, de se manter nele. O conceito busca enfatizar a aptidão do indivíduo de se manter ativo e competitivo no mercado. Trata-se, portanto, de um discurso constantemente usado pelo empresariado para ressaltar que, somente se especializando constantemente, é que o trabalhador poderá acompanhar o ritmo do mercado e se manter empregado.

Nota-se que, o depoimento anteriormente citado, provavelmente absorvido por milhares de trabalhadores brasileiros que assistiram ao noticiário, enfatiza uma condição “onipresente” e “absoluta” do mercado, este que parece existir acima da população como entidade personificada, como se possuísse “desejos próprios”¹².

¹¹ Para assistir a matéria na íntegra, acessar: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/27/falta-de-vagas-no-mercado-obriga-muitos-recem-formados-a-mudar-os-planos-e-empreender.ghtml> acessado em: 11/05/2022.

¹² Se o mercado se personifica, os trabalhadores, por sua vez, constituem apenas suportes coisificados para a valorização do capital, o que nos leva a ressaltar outra inversão realizada pelo capitalismo, que personifica o mundo das mercadorias em paralelo com a efetiva coisificação dos seres humanos (MARX, 2013).

Percebe-se, ainda, que a demanda de profissionais especialistas, ágeis e dinâmicos vai ao encontro com a flexibilização das relações de trabalho vigentes a partir da reestruturação produtiva, que passa a empregar menos trabalhadores e destes demandam polivalência e constante atualização (ANTUNES, 2009), além da necessária capacidade de “se virarem” em meio à tormenta de incertezas do mercado. O excesso de demanda por inúmeras qualificações, além de promover o endividamento dos trabalhadores, também aparenta contribuir com o desalento, já que pode desmotivar o trabalhador antes mesmo que este adentre o mercado de trabalho (CASTEL, 2009).

Discursos como o de “você não pode ficar para trás” evidenciam um mercado que parece ganhar vida própria, como se fosse capaz de “correr com as próprias pernas” e exigisse a constante adaptação dos trabalhadores. Como afirma uma matéria sobre uma instituição responsável por qualificar profissionais, “o mundo está mudando constantemente, mas será que você está acompanhando?”

Estudar, se qualificar é tão difícil assim?? Será que é realmente um custo para você? Você não tem condições de estudar para realizar os seus sonhos e garantir sua vida futura, ou você acha muito difícil abandonar os gastos extras, ou o comodismo, que só lhe oferecem prazer momentâneo?? Realmente, fácil não é, mas um pouco de coragem e força de vontade, já resolvem.¹³

Novamente, o problema é apresentado enquanto responsabilidade do próprio indivíduo, impregnado pelo “pecado” do comodismo em oposição a glorificação do trabalho já inaugurada pela ética protestante¹⁴, tal como analisou Weber (2004). Em um mundo em que “tempo é dinheiro” e “procriador por natureza” (WEBER, 2004), aquele que não possui um emprego é visto como indesejável, como um estranho perante o dever “sagrado” que o indivíduo deve ter de se interessar pelo aumento de sua riqueza como um fim em si mesmo. Sendo assim, a ética e moral utilitaristas penetram em todas as esferas da sociabilidade humana sob a égide do capital, inclusive na própria subjetividade e concepção dos indivíduos acerca deles mesmos.

1.5 Desemprego e juventude

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a juventude é um segmento da sociedade fortemente atingido por empregos precários e, sobretudo, pelo desemprego e desalento, com índices marcados por grandes oscilações mediante os ciclos

¹³ Matéria disponível em: <https://ctpp.com.br/geral/conteudos-variados/o-mundo-esta-mudando-constantemente-sera-que-voce-esta-acompanhando-ou-esta-ficando-para-tras/> acessado em: 17/11/2022

¹⁴ Marx também reconhece a importância do protestantismo para a consolidação do capitalismo, afirmando que “O protestantismo, (...) desempenha um papel importante na gênese do capital.” (MARX, 2013, p.348).

econômicos, principalmente em momentos de crise do capital, como mostrou a existência de mais de nove milhões de jovens latinos e caribenhos desempregados em 2020¹⁵.

No Brasil, de acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o número de jovens submetidos à condição do desemprego passou de 905 mil, no quarto trimestre de 2014, para dois milhões no quarto trimestre de 2019, sendo essa taxa ainda mais elevada entre os jovens em condições socioeconômicas menos privilegiadas (IPEA, 2020). Além disso, o índice de desemprego envolvendo a juventude trabalhadora sofreu um aumento considerável, em que jovens entre 18 e 24 anos chegam a compor 30,3% do total de pessoas desocupadas no terceiro trimestre de 2022¹⁶.

Contudo, é preciso ressaltar que a própria noção de juventude é historicamente construída, assumindo representações e significações diferenciadas em cada época (LIMA e PIRES, 2017). Ou seja, os próprios interesses, percepções e oportunidades ocupacionais variam a depender de qual jovem trabalhador estamos nos referindo (PAIS, 1990), o que implica uma abordagem que reconheça a atuação e as particularidades dos sujeitos em suas experiências histórica e socialmente determinadas (THOMPSON, 1978).

Ao nos referirmos a um contexto de flexibilização e neoliberalismo, o jovem da era flexível é visto como potencialmente adaptável e que melhor atenderia às novas exigências da produção flexibilizada e da lógica meritocrática (LIMA e PIRES, 2017), posto que é socializado em um quadro de referências e valores estruturados segundo uma lógica mais flexível, adentrando um mercado de trabalho já respaldado pela lógica neoliberal e que busca apagar qualquer vínculo coletivo de classe (ALVES, 2007).

Segundo Lima e Pires (2017), os jovens de hoje vivem numa ordem social marcada por mobilidades, riscos e inseguranças, acompanhados por um processo de “desinstitucionalização” da vida e consolidação de um cenário de incertezas, desprovido de qualquer estabilidade que permita à juventude planejar seu futuro. Em meio a um cenário de forte instabilidade para os jovens trabalhadores, aliado à escassez de programas sociais voltados a promover a inserção dos jovens no mercado de trabalho formal, os valores do empreendedorismo buscam elucidar uma juventude com dotes “inovadores”, sendo capaz, inclusive, de “criar” seu próprio emprego, como afirmou o ex-presidente do Serviço Brasileiro

¹⁵ Mais informações em: https://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_738633/lang--pt/index.htm acessado em: 14/12/2022.

¹⁶ Mais informações em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=31478&t=destaques> acessado em: 18/11/2022

de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Guilherme Afif Domingos¹⁷, outrora assessor de Paulo Guedes.

Porém, por trás de todo o aspecto ideológico que alça a juventude enquanto protagonista na ótica empreendedora, nota-se o avanço dos problemas contemporâneos que afetam os jovens trabalhadores, tal como o desemprego, desalento, informalidade, intermitência e trabalho parcial. Como afirmou Pais (1990), grande parte dos problemas que afetam a juventude na contemporaneidade está relacionada à dificuldade da entrada dos jovens no mundo do trabalho, em que a precariedade e as dificuldades da obtenção de um emprego fazem com a juventude presencie a condição do desemprego de forma prolongada ou intermitente.

Por outro lado, avança, a passos largos, a difusão de iniciativas voltadas a incentivar e celebrar o empreendedorismo (TOMMASI; CORROCHANO, 2020), associando um modo de ser juvenil ao neoliberalismo e seus respectivos elementos de concorrência e individualização dos problemas sociais, com os jovens sendo responsáveis por seu sucesso ou fracasso e tendo que “se virar” constantemente. Ou seja, o modelo de juventude que se torna referência na atualidade não é aleatório, mas determinado socialmente mediante a hegemonia neoliberal (PIRES; MOTTA, 2021).

No contexto de flexibilização e precarização, o fenômeno do desemprego e a categoria da juventude estão cada vez mais relacionados no mundo do trabalho contemporâneo, sendo os jovens a ampla maioria nas taxas de desalento (PIRES, 2021). A juventude se encontra à deriva, sem referenciais claros e sem rumos a priori (WICKERT, 2006), rompendo com a possibilidade de projetos de vida facilmente delineados e submersa em uma situação de desemprego prolongado. Nesse sentido, ressaltamos que é preciso entender como o desemprego acomete as mais diversas dimensões da vida do sujeito a partir de sua própria experiência¹⁸, e como tal experiência relaciona-se com toda uma totalidade contraditória que compreende o modo de produção capitalista, mais especificamente em sua roupagem neoliberal.

¹⁷ “O jovem brasileiro já entendeu que para ter trabalho a melhor alternativa é criar o próprio emprego, é empreender, inovar e gerar novas vagas. E eles não empreendem por necessidade, estão de olho nas oportunidades do mercado, estão atendendo demandas sociais e movimentando a economia.” Disponível em: <https://istoe.com.br/cresce-numero-de-jovens-empreendedores--no-brasil/> acessado em: 14/12/2022

¹⁸ O termo “experiência” empregado na pesquisa provém das análises de Thompson (1978), em que os homens e mulheres são concebidos enquanto sujeitos que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades, interesses e antagonismos, para em seguida tratar dessa experiência em sua consciência das mais complexas maneiras e posteriormente agir sobre tal situação determinada.

Consideramos, assim, a evidência empírica enquanto inerente à efetiva produção do conhecimento, sendo oportuna a experiência dos agentes sociais que refletem sobre o que acontece a eles e ao mundo à sua volta (THOMPSON, 1978). O ser social, como afirmou Thompson (1978), não é “uma mesa” rígida e passiva, mas um sujeito ativo do entorno social que o cerca, capaz de articular respostas e compreensões específicas a muitos acontecimentos inter-relacionados e que compreendem sua sociabilidade.

Embora as experiências sejam socialmente determinadas, não se desconsideram as múltiplas maneiras que os indivíduos, enquanto sujeitos ativos, desafiam qualquer determinação estreita e, inclusive, desenvolvem formas de resistência perante as condições impostas (THOMPSON, 1978). Ou seja, a significação subjetiva do desemprego para os sujeitos que o vivenciam e a maneira como eles agem perante essa situação se relacionam diretamente com a posição em que estão inscritos na realidade social.

O testemunho da experiência direta com o desempregado nos põe em contato imediato com uma realidade que não é simples representação ou ideia, pois não se trata de meras interpretações ou leituras sobre o desemprego, tais como as que podemos depreender dos manuais e notícias de jornal, que visam oferecer um retrato ou uma explicação ao fato. A experiência direta com o desempregado agrega à visão ‘teórica’, se assim podemos nos expressar, uma dimensão orgânica, o aspecto ativo de cada um dos implicados. (...) esse aspecto ativo da vida humana, o traço singular emotivo e ideativo que se traduz na experiência de vida de cada um, em cada movimento que realiza, em cada gesto que atualiza, em cada palavra que emite. (MANDELBAUM; RIBEIRO, 2017, p.54-55)

As interpretações e percepções dos próprios trabalhadores desempregados acerca de sua condição torna-se um dos elementos fundamentais para compreender mais profundamente o fenômeno do desemprego, de tal maneira que seja possível entender como os jovens trabalhadores enxergam esse fenômeno em suas próprias vidas. Desse modo, além da significação do desemprego para uma determinada sociedade em termos normativos, isto é, a partir das instituições criadas por ela, também é preciso compreender o desemprego no plano subjetivo, resultante das experiências vividas (GUIMARÃES, 2002).

Uma sociologia do desemprego deve ter a responsabilidade de analisar, conciliando, duas dimensões que são caras (porque constitutivas) da nossa tradição disciplinar: por um lado, a construção institucional e normativa do fenômeno; por outro, a sua significação subjetiva, tecida ao longo dos percursos no mercado de trabalho e ressignificada pela interpretação subjetiva das biografias individuais. (GUIMARÃES, 2002, p.110)

2. A pesquisa empírica: as percepções dos jovens sobre a condição de desemprego

No capítulo dois, buscaremos expor os dados coletados ao longo do trabalho de campo realizado na casa do trabalhador, em que foram entrevistados vinte e dois jovens trabalhadores(as) desempregados(as) na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Desse modo, foi traçado um perfil dos entrevistados levando em consideração idade, identidade de gênero, cor/raça, escolaridade, renda familiar e número de filhos. Além disso, a partir dos tópicos que aqui serão discutidos, será possível ilustrar ainda mais o perfil desses entrevistados e as particularidades presentes em cada um dos casos relatados.

2.1 Perfil dos entrevistados e experiências particulares

Conforme afirmou Guimarães (2002), o fenômeno do desemprego não ocorre de maneira abstrata entre os trabalhadores, sendo fortemente seletivo e socialmente determinado, uma vez que as chances de emprego estão desigualmente distribuídas entre os diferentes grupos sociais. Ou seja, sua recorrência pode variar segundo gênero, raça, idade, escolaridade, etc. Nesse sentido, será apresentado o Quadro do perfil dos entrevistados, traçado a partir das entrevistas realizadas com os trabalhadores desempregados que participaram da pesquisa, totalizando vinte e dois indivíduos.

Nome ¹⁹	Gênero	Cor/raça ²⁰	Idade	Escolaridade	Renda Familiar (em salários mínimos) ²¹	Número de filhos
Diana	Feminino	Preta	26 anos	Ensino Médio incompleto	1	1
Sandra	Feminino	Parda	23 anos	Ensino Médio completo	1 a 2	-
Caio	Masculino	Parda	18 anos	Ensino Médio incompleto	4 a 5	-
Talita	Feminino	Preta	28 anos	Ensino Superior completo	1 a 2	-
Jaqueline	Feminino	Branca	20 anos	Ensino Médio incompleto	menos de 1	1
Alice	Feminino	Preta	23 anos	Ensino Médio completo	1 a 2	-

¹⁹ Os nomes dos entrevistados aqui apresentados são fictícios, visando preservar a identidade dos indivíduos.

²⁰ Utilizamos como referência o padrão de cor/raça estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

²¹ Em 2022, um salário mínimo contabilizava R\$1.212.

Pedro	Masculino	Parda	35 anos	Ensino fundamental completo	menos de 1	2
Carlos	Masculino	Parda	27 anos	Ensino Médio incompleto	1 a 2	-
Ian	Masculino	Branca	22 anos	Ensino Superior completo	3 a 4	-
Laura	Feminino	Preta	24 anos	Ensino médio completo	menos de 1	1
Renan	Masculino	Parda	33 anos	Ensino Médio completo	1 a 2	-
Caroline	Feminino	Parda	30 anos	Ensino Fundamental incompleto	1 a 2	3
Gustavo	Masculino	Parda ²²	19 anos	Ensino Médio completo	3 a 4	-
Angélica	Feminino	Preta	22 anos	Ensino Médio completo	2	1
Bruna	Feminino	Branca ²³	25 anos	Ensino Médio completo	entre 2 e 3	-
Nívea	Feminino	Branca	19 anos	Ensino Médio completo	1	-
Elisa	Feminino	Parda	18 anos	Ensino Médio completo	2	-
João	Masculino	Parda	23 anos	Ensino Superior completo	entre 1 e 2	-
William	Masculino	Preta	29 anos	Ensino Médio completo	Optou por não informar	1
Matheus	Masculino	Preta	24 anos	Ensino Médio completo	entre 4 e 5	-
Flávia	Feminino	Parda	22 anos	Ensino Médio completo	entre 3 e 4	1
Júlio	Masculino	Parda	22 anos	Ensino Médio completo	entre 1 e 2	1

Quadro 1 - Quadro do perfil dos entrevistados

²² Segundo Gustavo, seu registro formal o define como sendo branco, porém, ele sempre se identificou enquanto pardo. Priorizamos, aqui, a auto identificação do entrevistado.

²³ Bruna afirmou que, em seu registro formal, ela é identificada enquanto branca. Embora não tenha havido uma extensão do assunto para perguntá-la se essa é a cor que ela se identifica, provavelmente há uma diferença entre a concepção de Bruna e o que consta em sua documentação. Desse modo, levando em conta as falas de Bruna e Gustavo, resgatamos o que Abdias do Nascimento (1978) afirmou sobre um processo de apagamento da identidade negra/parda pela sociedade brasileira, em prol de discursos e eufemismos que visam “clarear” a população ao máximo possível, seja fisicamente, espiritualmente ou, inclusive, discursivamente.

A partir do quadro acima, percebe-se uma proporção mais ou menos semelhante entre homens e mulheres entrevistados (doze mulheres e dez homens). Vale ressaltar, porém, que a maioria dos indivíduos desempregados que frequentavam a casa do trabalhador nos dias em que foram realizadas as incursões a campo eram do sexo feminino, o que enfatiza a desigualdade de gênero presente no mundo do trabalho, em que as mulheres trabalhadoras muitas vezes não têm as mesmas oportunidades que os trabalhadores homens e, portanto, estão mais suscetíveis ao desemprego (HIRATA, 2018).

Outro aspecto de destaque no perfil dos entrevistados diz respeito à cor/raça declarada, já que 18 das 22 pessoas entrevistadas se identificavam enquanto pardas ou pretas, ao passo que somente quatro se declararam como brancas. Nesse sentido, evidencia-se o papel da raça no que diz respeito à alocação das pessoas no mercado de trabalho, tanto em termos da posição ocupada, quanto das próprias oportunidades em si (HASENBALG, 2005), de tal forma que a condição do desemprego e o próprio perfil dos desempregados se configuram de modo socialmente determinado (GUIMARÃES, 2002). O fato de grande parte dos trabalhadores desempregados serem do sexo feminino e majoritariamente negros relaciona-se diretamente com o próprio perfil da classe trabalhadora brasileira, composta, em sua grande maioria, por trabalhadoras negras (CACAU, PARKS, ASSIS, 2021).

No que diz respeito a idade dos entrevistados, a maioria se localizava na faixa-etária dos 18 aos 29 anos, tal como foi proposto no projeto da pesquisa apresentado, com exceção de apenas três entrevistados com idades um pouco acima dessa faixa. A partir do quadro apresentado, nota-se que a idade média dos entrevistados se encontra em torno dos 24 anos de idade.

a) Estudar e trabalhar ao mesmo tempo: a realidade de grande parte da juventude brasileira

Como constatou Pais (1990), a partir de suas análises amparadas na noção de *doxa* originadas na teoria de Bourdieu, ao estudar a categoria da juventude sob uma perspectiva sociológica, os jovens, antes de comporem uma categoria fechada e homogênea, tal como propõe a *doxa* dominante acerca da juventude, estes seriam, na realidade, atravessados por questões de gênero, raça, sexualidade e, sobretudo, de classe. Ou seja, é impossível tratar a juventude de forma abstrata, como se fosse unitária e geral em suas relações, pelo contrário, os elementos socialmente determinados e que constituem o perfil de cada jovem é o que faz sua experiência ser complexa e heterogênea. Sendo assim, uma das questões fundamentais que se coloca a uma sociologia que propõe analisar a juventude estaria em, para além de constatar as

possíveis similaridades entre os grupos sociais de jovens, compreender e captar principalmente as diferenças sociais em termos de expectativas, aspirações e vivências. (PAIS, 1990).

No caso da juventude brasileira, estatísticas evidenciam que 38,1% dos jovens brasileiros entre 15 e 29 anos trabalhavam e 11,6% estudavam e trabalhavam no Brasil em 2019 (TOMMASI; CORROCHANO, 2020), de tal forma que, em oposição à clássica separação feita pela *doxa* dominante em afirmar a juventude enquanto “fase de transição” para uma vida adulta marcada pelo trabalho, o que presenciamos, na realidade brasileira, são jovens que precisam estudar e trabalhar ao mesmo tempo em ao menos um momento de suas vidas, o que acaba por afetar, inclusive, a trajetória profissional de muitos que precisam abandonar os estudos para trabalhar.

O caso de Willian, jovem desempregado de 29 anos, evidencia que, ao longo de sua formação escolar, o trabalho tornou-se parte constitutiva do seu cotidiano, em que precisou conciliar a árdua jornada laboral com a disposição aos estudos no período noturno.

Eu trabalhava e estudava. (...) Era meio corridão, né, porque com 15 anos, você está no primeiro ano do ensino médio, primeiro trampo, né? Meu primeiro trabalho foi em um supermercado, então você imagina como era cansativo (...) tinha vez que eu dormia na sala de aula (...) saía da escola e já ia trabalhar (...) então era o dia inteiro (Willian, 29 anos, trabalhador desempregado).

Bruna, jovem desempregada de 25 anos, também afirmou que precisou estudar e trabalhar ao mesmo tempo, começando o dia estudando de manhã (e eventualmente, com aulas no período da tarde) para posteriormente trabalhar no shopping até às 22:30.

Eu trabalhava no shopping e então eu basicamente entrava 16:30 e saía 22:30, só que aí meu ônibus passava só às 23:00, aí meu ônibus dava uma volta enorme e eu chegava em casa mais ou menos às 00:00 ou 1:00 da manhã. E aí depois disso eu ainda tinha que estudar às vezes, e minha escola tinha aula à tarde, então eu tinha que ir de manhã para a escola e saía às vezes no meio da aula para pegar o ônibus e ir para o trabalho, ficava nessa rotina. (Bruna, 25 anos, trabalhadora desempregada)

Não obstante, em casos em que a árdua conciliação entre estudo e trabalho se torna impossível, o trabalho acaba sendo priorizado, uma vez que pode suprir demandas de curto prazo tais como alimentação, ajuda aos familiares, entre outros. Foi o que evidenciou o depoimento de Diana, jovem desempregada de 26 anos que abandonou os estudos para poder trabalhar.

Então, eu parei de estudar na verdade para trabalhar mesmo, porque logo que arrumei um emprego não batia com o horário da escola, aí eu tive que parar de estudar para trabalhar (...) eu era balconista de uma padaria lá do bairro mesmo, por indicação (Diana, 26 anos, trabalhadora desempregada).

Como a própria entrevistada explica, a partir do momento que conseguiu um trabalho, precisou escolher entre trabalhar ou estudar, sendo a primeira opção aquela mais óbvia para Diana, em razão da necessidade de renda. Tal constatação rompe diretamente com a ideia de que o trabalho representaria um momento exclusivo da vida adulta, posto que grande parte da juventude brasileira precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo e, não sendo possível tal sobreposição, o trabalho é escolhido em detrimento dos estudos.

Nesse sentido, a realidade de grande parte da juventude brasileira é marcada por uma sociabilidade multidimensional, com o efetivo entrecruzamento das dimensões educacional, laboral e familiar. Contudo, a sobreposição das atividades de estudo e trabalho pode variar significativamente conforme as experiências dos sujeitos e o próprio perfil dos jovens em si. De qualquer forma, é inegável as diversas dimensões da vida – familiar, escolar e profissional – apresentam-se de maneira combinada nas diferentes trajetórias dos sujeitos (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020), em que os modelos mecânicos e lineares de transição entre juventude vida adulta se tornam cada vez mais inapropriados. Aqui, presenciemos modos de transição heterogêneos e plurais, que precisam ser capturados em sua riqueza (GUIMARÃES; BRITO; COMIN, 2020).

Mais que uma “categoria”, trabalhar e estudar configura uma “situação”, que pode ser mais breve ou mais extensa e voltar a ocorrer mais de uma vez ao longo das trajetórias juvenis. Assim, não se trata de propor uma classificação dessa situação como uma “etapa intermediária” entre a situação de “só estudar” e a de “só trabalhar”, numa perspectiva da “transição escola-trabalho”, nem de argumentar que tal sobreposição caracteriza um ou outro padrão de transição. As situações de sobreposição entre trabalho e estudo podem ocorrer em diferentes momentos das trajetórias dos jovens e em diferentes padrões de transição. (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, p.527, 2020)

Além da característica heterogênea das transições juvenis para a chamada “vida adulta”, soma-se ainda, no cenário atual, o contexto pandêmico que muitos jovens vivenciaram no momento de entrada no mercado de trabalho e de afirmação profissional, configurando novos elementos para se compreender a realidade de uma geração²⁴ que enfrentou variadas consequências advindas da covid-19, com o desemprego fazendo-se extremamente presente. Buscaremos discutir a relação entre pandemia e desemprego no tópico a seguir.

²⁴ Segundo estudos, a geração Z (que compreende muitos jovens dos dias atuais) foram uma das que mais sentiram os efeitos da pandemia em sua saúde emocional. Disponível em: <https://exame.com/bussola/geracao-z-e-a-que-mais-sente-os-efeitos-da-pandemia-na-saude-emocional-2/> acessado em: 11/12/2022

b) Pandemia e desemprego prolongado

No momento em que o projeto desta pesquisa estava sendo elaborado, no ano de 2021, os índices da pandemia haviam atingido níveis alarmantes, de tal forma que, em 24 de março de 2021, o Brasil atingiu a marca de 300 mil mortos pela pandemia²⁵. Atualmente, o número de óbitos em virtude da doença contabiliza quase 700 mil brasileiros²⁶. Desse modo, em um cenário histórico devastado pela covid-19, um dos objetivos específicos da pesquisa foi compreender as especificidades da condição de desemprego no período da pandemia de covid-19. Como dito anteriormente, a proliferação do vírus ocorreu em um contexto de capitalismo neoliberal, com os índices de desemprego já muito elevados antes mesmo da pandemia.

Não obstante, em um contexto pandêmico, o desemprego se generalizou ainda mais (ANTUNES, 2022). Dados preliminares apresentados pela OIT (2021) projetavam a perda de 195 milhões de empregos em tempo integral já no segundo trimestre de 2020, sendo que 1,6 bilhão de pessoas em todo o mundo, que viviam na informalidade, já estavam sofrendo com condições de vida precárias. A crise econômica e o avanço da pandemia geraram, de modo correlacionado, impactos profundos na vida dos trabalhadores (ANTUNES, 2022).

Do mesmo modo que a situação da classe trabalhadora brasileira já era alarmante antes da pandemia, contabilizando uma massa imensa de trabalhadores informais, terceirizados, precarizados, flexíveis e intermitentes, o cenário pós-pandêmico demonstra que o caráter recessivo na economia prevalecerá, com quadros agravantes de desemprego e desalento.

A juventude trabalhadora, além de se deparar com um cenário de recessão econômica que se estende desde a crise financeira do capital em 2008, com inflação, estagnação salarial e demissões em massa, também enfrenta uma condição de desemprego mais prolongada e duradoura, impulsionada ainda mais pelo contexto pandêmico iniciado em 2020. Em nossa ida a campo, foi possível compreender como a pandemia contribuiu com o avanço de casos de desemprego, tal como evidenciou o depoimento de Diana, que foi demitida no começo da pandemia após quatro anos trabalhando no mesmo supermercado e que estava procurando trabalho desde então.

Do mesmo modo, Alice (23 anos, trabalhadora desempregada) afirmou que a covid-19 era o principal motivo de sua situação de desemprego, estando procurando um novo trabalho havia mais de um ano. Caroline (30 anos, trabalhadora desempregada) também foi dispensada de seu serviço em incubatório devido ao corte de funcionários no contexto de pandemia, o

²⁵ Mais informações em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contra-covid-19-no-brasil> disponível em: 24/11/2022

²⁶ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> acessado em: 11/12/2022

mesmo aconteceu com Talita (28 anos, trabalhadora desempregada), que chegou a trabalhar em sua área por apenas 20 dias no início de 2020, além de William, que trabalhava em um posto de gasolina, mas foi demitido em um corte de funcionários em virtude da pandemia. Nesse sentido, com exceção de Nívea (19 anos, trabalhadora desempregada), foi consenso entre os entrevistados que a pandemia afetou as possibilidades de conseguir se manter empregado ou conseguir um novo trabalho, como afirmou Pedro em seu depoimento.

Eu vou dizer pra você cara, afetou muito, não só a mim, mas eu acho que para a maioria dos brasileiros. (...) E a covid-19 caiu como uma bomba, né? A situação já estava ruim aí quando ela chegou, aí expandiu mais ainda. (...) Eu pensei: rapaz, é o fim mesmo (Pedro, 35 anos, trabalhador desempregado).

O caso de Caio, jovem de 18 anos e que atualmente procura um trabalho, torna-se emblemático para compreender como muitos jovens tiveram suas trajetórias afetadas drasticamente pela pandemia, tendo que interromper seus estudos em virtude da covid-19, pois não possuía internet para acompanhar as aulas remotas.

Interrompi meus estudos por causa da pandemia, que eu morava na chácara, aí não tem internet e as coisas, aí parou. Aí eu fui voltar agora (...) vou fazer um supletivo. (...) Se não fosse a covid, eu teria terminado meus estudos, estava normal, mas aí afetou e está difícil até de arrumar um emprego, afetou bastante. Atrapalhou em tudo (Caio, 18 anos, trabalhador desempregado).

Sendo assim, às dificuldades históricas e estruturais para a inserção e permanência dos jovens no mercado de trabalho, soma-se a pandemia da covid-19, afetando, inclusive, a possibilidade de permanecer estudando. Mesmo antes do cenário pandêmico, muitos relataram ter passado pelo desemprego em algum ou em vários momentos de suas trajetórias, em que o caráter prolongado de tal condição evidencia-se perante a forte inconstância do mercado de trabalho.

Como constatou Harvey (2008a), com o advento do padrão flexível de acumulação do capital, diversas relações de trabalho foram reconfiguradas a ponto de permitir demissões com maior facilidade, ocasionando em casos de desemprego prolongado na medida em que o enxugamento de postos de trabalho avançava. Somando tal cenário com o avanço de políticas econômicas neoliberais em paralelo à pandemia, o desemprego prolongado tornou-se realidade para inúmeros trabalhadores, que não encontram perspectivas dentro de um mercado de trabalho precarizado e cada vez mais excludente. Para além da dificuldade de encontrar um emprego, veremos que a questão da experiência prévia é outra problemática presente para uma juventude que, como afirmou Pais (1990), enfrenta enormes dificuldades empregatícias logo no início de sua trajetória profissional.

c) A contradição entre a experiência e o primeiro emprego

Dentre as grandes temáticas que emergiram a partir da ida à campo, está a contradição latente na vida de muitos jovens trabalhadores de precisar de um primeiro emprego para adentrar no mercado de trabalho, mas que, por não terem acumulado qualquer experiência prévia, acabam sendo descartados no processo seletivo da contratação. Ou seja, a juventude encontra-se encurralada em um círculo vicioso, de procurar um primeiro emprego para ter uma experiência que, contraditoriamente, já é requisitada pelos empregadores previamente.

A ideia de aquisição de experiência ganha forte importância para os jovens, que sabem que esta será exigida em processos de obtenção de empregos futuros. Apesar de normalmente procurarem trabalhos formais, alguns jovens acabam se submetendo a trabalhos informais ou em condições mais precárias visando acumular experiência (ABRAMO, VENTURI, CORROCHANO, 2020). Foi o caso de Angélica, jovem desempregada de 22 anos que, apesar da árdua rotina de trabalhar e estudar, olhava sua situação de modo positivo ao pensar na experiência adquirida.

Eu estudava e trabalhava como freelancer né, em um restaurante, tipo lanchonete. (...) Era bem corrido, cansativo, mas foi bom né, por causa da experiência, porque tudo precisa de experiência (...) foi bem complicado, mas foi bom. (...) Aí eu continuei como freelancer, mas agora eu estou à procura de um registro (Angélica, 22 anos, trabalhadora desempregada).

Não obstante, mesmo nos casos em que há uma certa experiência por parte da juventude, a probabilidade de não conseguir um emprego continua existindo. Segundo o depoimento de Bruna, as contradições envolvendo a suposta experiência requisitada podem se fazer presentes mesmo com trabalhos anteriores contabilizados no currículo, além da constante exigência de qualificação.

Só consegui trabalhar quatro meses, por causa da minha saúde mental, aí minha experiência não contou, pois eles estavam pedindo seis meses de experiência para a vaga. Aí eu fico: como que eu trabalho e ganho experiência? Eu tenho 25 anos, como eu trabalhei uma vez só, pra eles não interessa. (...) eu não tenho curso nenhum, eu não tenho nada (...) eu só tenho o ensino médio, aí eles olham para meu currículo e dizem: “ah só o ensino médio”, sabe? Já junta com a falta de experiência e fica muito “pobre” o meu currículo. (...) Junta minha idade e é meio como se eu não tivesse buscado nada, como se eu não tivesse interesse em nada (Bruna, 25 anos, trabalhadora desempregada).

Como afirma Castel (2009), a força de trabalho jovem frequentemente encontra-se desmoralizada pelas exigências do mercado de trabalho antes mesmo de ser “posta em ação”, com a juventude sendo constantemente bombardeada com novas exigências de qualificação em

um mundo do trabalho que parece correr “com as próprias pernas”, como se o mercado adquirisse um caráter independente e “acima” dos indivíduos, que muitas vezes são descartados sem maiores explicações.

Nesse contexto, Bruna passou a se enxergar enquanto uma pessoa “desinteressada”, como alguém que “não fez nada” na vida a partir da falta de experiência e qualificação, evidenciando que sua condição em termos de trabalho afetou a totalidade de sua compreensão acerca de si mesma. Aqui, evidencia-se a centralidade do trabalho na própria concepção do sujeito sobre si mesmo, que se sente inferiorizado na medida em que a esfera laboral não está “atrativa” o suficiente. Não por acaso, sentimentos de “inutilidade” e auto depreciação por parte dos jovens desempregados também se mostraram extremamente presentes nas entrevistas realizadas, em paralelo a incertezas e inseguranças perante um futuro indefinido.

d) Inseguranças e incertezas generalizadas diante de um futuro incerto

Como ressaltou o sociólogo Richard Sennett (2006), o capitalismo flexível demanda dos trabalhadores uma agilidade pautada no curto prazo e no risco cotidiano, mediante novos controles de dominação sobre o trabalho. A sociedade marcada pelo capitalismo flexível é uma sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato, com o uso do tempo racionalizado ao extremo. Desse modo, presenciemos um cenário de incertezas e inseguranças generalizadas, e que incide diretamente sobre a subjetividade da classe trabalhadora.

Contudo, em oposição aos estudos e análises que caracterizam o avanço de um cenário instável e precário unicamente devido à era flexível e neoliberal, é preciso ressaltar que a instabilidade e insegurança esteve presente no modo de produção capitalista desde sua constituição, marcado pela irracionalidade do mercado. Não por acaso, ainda no século XIX, Engels constatou que, “Para os operários, a insegurança de sua vida, a necessidade de viver cada dia com um salário sem saber o que lhe acontecerá na manhã seguinte – em suma, [é] aquilo que faz deles proletários.” (ENGELS, 2008, p.155).

Ou seja, a insegurança e a incerteza do dia de amanhã constituem a própria condição do proletariado, de tal forma que, contextos históricos como o do *Welfare State*, que garantiu uma certa estabilidade para a classe trabalhadora de países considerados “de primeiro mundo”, ocorreu de modo esporádico, sendo antes uma exceção à regra na história do capital (MATTOS, 2019), mediante o contexto histórico do pós-guerra²⁷ e de avanço da Guerra Fria. Tão logo uma

²⁷ É inegável que a guerra possui um papel muito importante para o desenvolvimento do capitalismo, perpassando desde venda de armas, construção civil, serviços e seu potencial de “eliminar” uma parte do grande contingente populacional, mesmo que uma remessa deste ainda seja fundamental para constituir o exército de reserva. Uma

crise sobrevenha, o breve período de bem-estar tende a cessar, e todas as garantias e direitos anteriormente conquistados pela luta dos trabalhadores encontram-se mais uma vez ameaçados, sendo o neoliberalismo a expressão atual de tal movimento.

É inegável que a juventude trabalhadora adentra um mercado de trabalho cada vez mais incerto e precarizado, e sem qualquer garantia de permanecer nele. A realidade marcada pela instabilidade fica ainda mais nítida para os desempregados, que dependem de sua força de trabalho para sobreviver, mas, em virtude da escassez de empregos, logo encontram-se mergulhados em sentimentos de incerteza e insegurança.

É um desespero de como vai ser o amanhã, o medo do amanhã, por assim dizer, né. Eu não sei como vai ser, o que a gente vai comer, pois para os meus pais também está bem difícil. A minha mãe no momento não tá conseguindo faxina né, tá parada em casa, e só meu pai tá sustentando a casa e ele também não ganha muito, e a gente fica com aquele medo né, do amanhã, com muitas dívidas para pagar e sem saber como que vai ser. Eu fico nessa crise de ansiedade, é horrível (Diana, 26 anos, trabalhadora desempregada).

A grande maioria dos entrevistados afirmou sofrer de ansiedade ou outro tipo de sofrimento psicológico em virtude do desemprego, mobilizando sentimentos de incerteza e medo do futuro, uma vez que não há uma estabilidade garantida e bem delineada. Desse modo, qualquer planejamento mais estável torna-se impossível em meio à irracionalidade do mercado, que acarreta mudanças e transformações capazes de incidir diretamente sobre o futuro dos trabalhadores. No caso dos desempregados, sua condição de ausência de trabalho alavanca ainda mais o pessimismo sobre o dia seguinte, posto que qualquer referencial de estabilidade se perde quando já não há garantias de conseguir um salário para acessar os meios de subsistência que possibilitem sua existência.

É aquela frustração, aquela incerteza de não saber como vai ser o outro dia, se vai ter alguma coisa, se vai ter coisa pra comer ou se não vai ter, entendeu. (...) isso mexe com a cabeça de qualquer um, com quem está passando por uma situação assim. Você empregado tem uma certeza que vai ter um dinheiro para pagar suas contas, pagar sua pensão em dia, entendeu? Fazer uma comprinha do mês. Mas quando você está desempregado a preocupação te persegue, isso é a realidade do brasileiro todos os dias (...) é uma coisa que já virou rotina, e não era pra ser assim. (William, 29 anos, trabalhador desempregado)

Ah cara, a gente sente muita ansiedade. Você dorme, acorda, vem num balcão de emprego, bota currículo e espera... seu telefone não toca. Aí você dorme mais um dia, na esperança de que alguém vai te ligar, mas se torna o mesmo episódio e assim por diante. E o que você pensa? O que está acontecendo? (...) Porquê tá nessa situação e eu não tenho a oportunidade de voltar ao mercado de trabalho? (Pedro, 35 anos, trabalhador desempregado).

reportagem curiosa do site financeiro denominado MarketWatch, afirma em seu título que “A América precisa de uma nova guerra ou o capitalismo morrerá”. Disponível em: <https://www.marketwatch.com/story/america-needs-a-new-war-or-capitalism-dies-2013-04-17> acessado em: 27/11/2022

No caso de William, vale ressaltar que, segundo ele mesmo afirma, a incerteza de não saber como será o próximo dia caracteriza a “realidade do brasileiro”, em que a instabilidade e insegurança já viraram rotina. Seu depoimento relaciona-se com a própria condição da classe trabalhadora brasileira, que presenciou maiores índices de desemprego com o avanço neoliberal de 1990, apesar de que, desde sua formação, sempre se encontrou em empregos precários, irregulares e escassos (MATTOS, 2019).

Além disso, tendo em vista o cenário de forte insegurança e instabilidade, possibilidades como a de se aposentar são vistas de modo cada vez mais pessimista entre os jovens desempregados, relacionando-se, inclusive, com o progressivo desmonte de qualquer assistencialismo estatal em prol de políticas econômicas neoliberais. Ao serem questionados sobre a possibilidade de uma aposentadoria futura, muitos trataram de responder com risos e de modo irônico, como se tal temática fosse definitivamente utópica.

Uma aposentadoria é difícil, no Brasil ainda, só aos 80 anos de idade. (...) Mas ter uma vida financeira boa eu vejo que é possível, se eu abrir um negócio, algo que eu ganhe bem, aí acho possível no futuro. Agora, a aposentadoria esquece (Caio, 18 anos, trabalhador desempregado).

Ah, é mais difícil, mas se eu trabalhasse e juntasse um dinheiro, e talvez abrisse meu próprio negócio, aí talvez eu poderia ficar tranquila idosa né? Mas para emprego assim, trabalhando e depois eu nem sei né, se vou me aposentar (...). Está tão incerto, toda vez muda lei, e muda e muda, aí fica muito difícil da gente saber o que vai acontecer. Mas se eu abrisse um negócio, essas coisas, aí eu colocaria 100% de chance que minha vida de aposentada seria tranquila, mas caso contrário não ia ter chance nenhuma não, seria difícil. (Angélica, 22 anos, trabalhadora desempregada)

Então, com tudo que a gente tem visto agora né, principalmente a respeito do trabalho, o trabalho informal chegando fortemente aí sem legislação e sem garantia, eu não sei se aposentadoria é algo que eu consigo pensar inclusive pra eu e pra você e pra todo mundo que está aqui. (...) Tinha que diminuir o tempo de trabalho, não aumentar como estão fazendo. (...) Em especial com a precarização do trabalho (...) muita gente vai acabar morrendo antes sequer de pensar em se aposentar. (Ian, 22 anos, estudante de mestrado e trabalhador desempregado)

Nota-se que o depoimento de Ian evidencia contradições percebidas pelo entrevistado acerca do mercado, que constantemente aumenta o tempo de trabalho e emprega cada vez menos, garantindo um maior acúmulo de mais-valia mediante a superexploração de um número de trabalhadores cada vez mais reduzido, e que muitas vezes se encontram submetidos à condições precárias (ANTUNES, 2009). Nesse sentido, é possível ressaltar que, a reforma trabalhista, que avançou elementos de terceirização, contratos temporários, intermitentes e com alta carga horária, está inserida em um contexto mais amplo de desmonte de direitos (KREIN,

2018), com a reforma da previdência inclusa, impactando diretamente o futuro de uma juventude que não enxerga qualquer possibilidade de aposentadoria.

Além disso, os depoimentos carregam consigo uma questão importante: a alternativa de empreender e abrir o próprio negócio como possível solução à instabilidade. Não por acaso, a ideologia neoliberal não tarda em apresentar o empreendedorismo como a solução para os problemas que o próprio capitalismo produz. Agora, segundo a lógica do neoliberalismo, todos são empreendedores em potencial, veremos como foram mobilizadas as percepções dos entrevistados acerca do tema.

e) Individualização do desemprego: empreendedorismo e empregabilidade

Como dito anteriormente, a pesquisa em questão levantou a hipótese de que o desemprego, apesar de ser um elemento estrutural ao capitalismo e, portanto, socialmente estabelecido, estaria, mediante os discursos e práticas neoliberais, ganhando um caráter individual, como se fosse um problema que emanasse do próprio indivíduo em situação de desemprego. Nesse sentido, foi possível notar alguns depoimentos que buscaram mobilizar uma causa individual para justificar a atual situação de desemprego:

Eu acho que é mais uma questão pessoal mesmo. Eu tento mudar minha conduta mesmo, agora que eu comecei a procurar emprego e, tipo, me introduzir ao mercado de trabalho e tudo mais. Em relação à questão social, eu tenho noção que no país inteiro está bem difícil, a gente tá com uma taxa de desemprego bem alta. Só que São Carlos, por exemplo, eu já não sei se é a mesma realidade, eu vejo como uma cidade que tem várias oportunidades e eu estou tentando captar um pouco delas (Gustavo, 19 anos, trabalhador desempregado)

Eu acho que eu dei uma relaxada nessa pandemia, eu poderia ter estudado mais minha área mesmo, porque eu acho que tem vagas, mas não tem gente qualificada. (...) precisava me esforçar muito mais, muito mais. (...) Se eu não me esforçar eu vou continuar na mesma (Talita, 28 anos, trabalhadora desempregada).

Apesar de reconhecer que “a questão social” do desemprego está em alta no Brasil, Gustavo ainda sim afirma que o problema de estar desempregado diria mais respeito a uma questão pessoal, e que precisaria se adequar e mudar sua conduta para melhor adentrar o mercado de trabalho. Talita, por sua vez, parece direcionar a culpa do desemprego inteiramente a sua “falta de esforço”, uma vez que não teria estudado o suficiente para ocupar as vagas existentes, que exigem qualificação. Não por acaso, o tema da qualificação surgiu em outros depoimentos, sendo algo fortemente almejado pelos trabalhadores e visto como possível alternativa ao desemprego.

Existe oportunidade de emprego, os próprios empreendedores querem alguém de qualidade, alguém esforçado para estar trabalhando ali. Às vezes eles não acham uma

pessoa qualificada e tal, mas nós que somos brasileiros e, independente de qualquer coisa, vamos querer trabalhar. Nós temos uma família pra sustentar, filho pra dar comida, e acho que o pessoal deveria dar mais oportunidade pra gente estudar, fazer curso profissionalizante, acho que assim não faltaria emprego pra ninguém (William, 29 anos, trabalhador desempregado).

Ah, eu acho que tá faltando mais oportunidade. (...) Oportunidade mesmo, e mais qualificação né, tá faltando, mais cursos gratuitos (Angélica, 22 anos, trabalhadora desempregada).

A oportunidade de se qualificar e se profissionalizar seria, segundo William, um dos elementos para acabar com o desemprego. É interessante notar que, apesar de apontar a qualificação como possível solução ao desemprego, o entrevistado também reconhece que há poucas oportunidades para os trabalhadores que buscam se aprimorar de alguma maneira, apesar do discurso dominante colocar sobre o indivíduo todo o peso sobre a garantia da empregabilidade. Do mesmo modo, Angélica também ressalta a falta de oportunidade em paralelo à falta de qualificação e cursos que possam possibilitar o aprimoramento de suas capacidades. Ou seja, apesar de ambos entenderem que a solução para o desemprego estaria na capacitação individual, eles não deixam de observar o cenário social desigual e a falta de possibilidades para os jovens trabalhadores.

Não obstante, alguns depoimentos foram no sentido de expor os problemas sociais que atualmente caracterizam o mundo do trabalho, evidenciando que muitos trabalhadores, antes de acatarem os discursos e práticas neoliberais de forma passiva, formulam acerca de sua realidade e experiência, visando melhor compreender a realidade que os cercam.

Ah, está surgindo muitos problemas (...) direitos trabalhistas estão sendo cada vez mais “reciclados”. Por exemplo, temos duas grandes fábricas aqui né, que é a Faber Castell e a Electrolux, mas por conta das mudanças na previdência eles estão contratando somente por 3 meses, de modo temporário, quando acaba a utilidade [do trabalhador] eles mandam embora. Então a pessoa trabalha 3 meses e fica desempregada! Eu acho isso um absurdo, porque você não está gerando emprego, está gerando uma dor de cabeça maior... (Flávia, 22 anos, trabalhadora desempregada).

O depoimento de Flávia carrega elementos que refletem o atual mundo do trabalho que, como ela mesmo afirmou, “recicla” e “reforma” direitos trabalhistas de modo a melhor atender aos interesses dos empregadores, pautadas nas oscilações do mercado. Além disso, a entrevistada comentou o avanço do trabalho temporário que, principalmente com a aprovação da chamada Reforma Trabalhista (PLC 38/2017) no governo Temer, tornou-se generalizado (ANTUNES, 2018). Sendo assim, Flávia ressalta que o trabalho temporário e o desemprego andam lado a lado, tendo como referência, inclusive, a situação da cidade de São Carlos, com grandes empresas (antes vistas como redutos de trabalho formal e seguro) apostando na terceirização e flexibilização de suas relações de trabalho.

No que diz respeito à “solução” do empreendedorismo, a ideia de empreender e abrir seu próprio negócio configura-se enquanto um dos aspectos centrais do discurso neoliberal. Nesse sentido, foi possível captar depoimentos que enfatizavam a alternativa de empreender diante dos grandes índices de desemprego.

Então, cara, se eu te falar que minha vontade é essa, eu queria ter meu próprio negócio, mas precisa de muito capital, tem que trabalhar muito para conseguir. (...) porque aí eu teria minha independência financeira, ia poder fazer as coisas que eu mais gosto, ajudar minha família da forma mais presente ali, de forma mais concreta (Willian, 29 anos, trabalhador desempregado).

Já pensei em abrir um lava rápido, porque eu sei mexer nas coisas. (...) É mais vantajoso, não tem patrão pra encher me encher o saco (Caio, 18 anos, trabalhador desempregado).

Em relação aos depoimentos acima, é particularmente interessante o que Caio afirma sobre não ter o patrão para “encher o saco” quando se tem o próprio negócio, como se tal figura incômoda fosse efetivamente apagada. Isso pode ser justificado se levarmos em consideração que muitos jovens das classes populares têm experiências no mercado de trabalho marcadas pela sujeição, por diversas formas de discriminação, e por uma violência simbólica evidente. Não obstante, tal discurso é ideologicamente apropriado pelas estratégias das grandes empresas de aplicativos como Uber, Ifood, etc. que difundem noções que exaltam o trabalhador uberizado como um “chefe de si mesmo”, um trabalhador autônomo ou um possível empreendedor (ABÍLIO, 2020). A construção de um sujeito neoliberal, capaz de se auto administrar e de se autogerenciar em meio a um cenário de insegurança e concorrência generalizada, parece tomar forma (DARDOT; LAVAL, 2016).

Não obstante, diversos depoimentos também evidenciaram um sentimento de desconfiança em relação à alternativa do empreendedorismo, devido, principalmente, à dificuldade financeira para começar a empreender:

Ah não é simples, é extremamente burocrático (...) falar é fácil, mas na hora de realmente abrir é muito complicado, precisa de dinheiro para investir, precisa de dinheiro para manter o negócio no início, até o dinheiro começar a girar e tal. Não é tão simples, se fosse assim já tava todo mundo nessa (Bruna, 24 anos, trabalhadora desempregada).

Isso daí não funciona (...) essas coisas de empreendedorismo pra criança eu já acho uma besteira, e eu vejo essas ideias seduzindo muitos amigos meus, muitos investindo na bolsa, mas só perdendo dinheiro, isso aí é pra enganar pobre. (...) Agora não existe desempregado, é o “investidor”, “o pobre só está desempregado porque quer, porque ele não investe”, etc. (Ian, 22 anos, estudante de mestrado e trabalhador desempregado).

Desse modo, ao mesmo tempo em que o empreendedorismo aparece como uma solução desejável para alguns, este também é visto com forte desconfiança por aqueles que relacionam

o ato de empreender como sendo mera ideia sedutora, como ideologia (SILVA, 2002). Os depoimentos acima evidenciam que os discursos e práticas neoliberais não são simplesmente absorvidos de forma passiva pelos trabalhadores, pelo contrário, as próprias reflexões e percepções dos sujeitos variam conforme suas experiências, com muitos trabalhadores desempregados apresentando maior conscientização acerca da problemática estrutural do desemprego e os discursos que tentam amenizá-lo. No caso de Ian, seu depoimento caracteriza uma das grandes tendências do discurso dominante em mascarar a condição do desempregado, como se este fosse investidor ou empresário de si próprio, devendo, portanto, contornar a situação a partir de seus esforços individuais que seriam o único entrave para se manter empregado.

No capítulo a seguir, buscaremos aproximar o foco de observação, analisando com mais profundidade alguns casos particulares que se mostraram extremamente oportunos para compreender aspectos do mundo do trabalho atual, que perpassam desde experiências específicas dos entrevistados até as particularidades do desemprego para uma juventude que se encontra em um mercado de trabalho cada vez mais marcado pela flexibilidade e pela lógica neoliberal.

3. Reconstrução e análise de casos específicos

Neste terceiro capítulo, buscaremos tratar, com maior profundidade, algumas temáticas que emergiram da pesquisa de campo, a partir da reconstrução de alguns casos específicos. Desse modo, serão discutidos quatro casos particulares, de modo a tratar a temática aqui mobilizada a partir das entrevistas realizadas.

3.1 Uma realidade diferente da geração de seu pai: o caso de Matheus

Matheus é um jovem trabalhador negro, de 24 anos, solteiro e nascido em São Carlos. É evangélico praticante e, no momento da entrevista, estava morando com os pais e desempregado há aproximadamente um mês. Segundo ele, sua mãe e seu pai recebem, juntos, aproximadamente cinco salários mínimos. A maior parte desse montante era composta pela remuneração do pai de Matheus, que possui uma carreira de 25 anos na Volkswagen, “mas até chegar lá, ele deu uma suada”.

Tendo completado o ensino médio em escola pública, Matheus se especializou em cursos técnicos na área de mecânica, como ETEC (Escola Técnica Estadual) e outros dois cursos pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Dos 16 anos até os 24 anos, saltou de emprego em emprego, envolvendo atividades desde a área da mecânica (mecânico de manutenção, mecânico montador e operador de produção) até trabalhos com menor exigência de qualificação (empacotador em supermercado), além de ter passado pelo serviço militar obrigatório (o “tiro de guerra”).

Em sua adolescência, aos 16 anos, chegou a conciliar o trabalho com os estudos quando ainda estava no ensino médio. Porém, é interessante notar que Matheus nunca precisou trabalhar e estudar em razão da necessidade de contribuir com a renda familiar, tal como grande parte da juventude brasileira, mas sim em virtude de sua ânsia por independência e acúmulo de experiência.

Eu trabalho desde os 16 anos, por mais que meu pai tenha um emprego legal, eu sempre quis ser independente dele. (...) Eu trabalhava o dia inteiro e terminava o ensino médio à noite. Foi corrido, mano, meu primeiro emprego foi como empacotador de supermercado, então, assim, eu trabalhava o dia inteiro, aí depois ia pra escola a noite, era pauleira. Às vezes no sábado tinha um curso pra eu fazer, porque eu queria ficar sempre no mercado (...) Aí eu fiz o curso no SENAI, né? Aí depois eu fiz o curso técnico, então era correria demais (...) ainda mais para um adolescente, pois eu não era nem de maior ainda.

Nota-se aqui, logo no início de sua trajetória profissional, uma das grandes preocupações de Matheus, que era a de se manter empregável. Não por acaso, apostou em cursos técnicos aos finais de semana, trabalhando e estudando simultaneamente, internalizando a responsabilidade individual por sua empregabilidade, o que poderia possibilitar novas oportunidades de trabalho. Desse modo, Matheus parece ter como percepção que, em um mercado extremamente dinâmico e incerto, um dos caminhos para se garantir na competição por trabalho seria sua constante especialização. Além disso, como ele mesmo afirmou, está cansado de depender da CLT, enxergando como principal estratégia a formação em direito para acessar uma vaga em concurso público sob regime estatutário.

Mas agora, falando sobre CLT, pra mim não dá mais, cara. Depois da reforma trabalhista e da previdência, o pobre só tá se ferrando mesmo, então é complicado. (...) Eu estou querendo até não trabalhar mais de CLT e fazer direito para concurso público, cara, porque é a opção hoje em dia, né? Você fazer direito abre um leque grande, aí você advoga ou você presta concurso público ali na área de administração, em algum lugar assim para trabalhar para o governo, para o Estado, prefeitura.

Um dos motivos de optar pela área do direito, segundo o próprio Matheus, é o leque de possibilidades empregatícias, ou seja, o curso é visto como potencialmente adaptável mediante um cenário em que planos de carreira rígidos e definidos estão cada vez mais distantes (SENNET, 2006), apenas uma efêmera memória da geração de seu pai. Ainda sim, Matheus está buscando garantir o mínimo de estabilidade em um cenário repleto de incertezas e inseguranças generalizadas, em que tudo parece se desmanchar no ar. O intuito é ampliar as possibilidades de empregar-se e, no melhor dos cenários, garantir um emprego fixo por meio de um concurso público. Apesar de Matheus “saber jogar” em um mercado de trabalho flexível, que exige acúmulos de cursos e certificados, em que as circunstâncias e as oportunidades variam constantemente, ele ainda sim está buscando o que a geração de seu pai pôde, mesmo que minimamente, encontrar: uma certa estabilidade.

Uma situação de maior formalidade e estabilidade no trabalho foi vivenciada por Matheus em seu penúltimo emprego como mecânico montador, que durou dois anos, sendo um trabalho de tempo integral e com carteira assinada. Porém, com o advento da pandemia, ele acabou sendo um dos trabalhadores “cortados” pela empresa, e um dos motivos de ter sido escolhido era, segundo ele mesmo afirma, o fato de ser jovem.

Deu a pandemia e eles fizeram cortes, e eu era mais novo, não tinha filho, aí os caras falaram: vamos ter que tirar você cara. (...) aí me cortaram, e eu fiquei um tempo sem trabalhar, era só no seguro e tal. Aí agora esse ano eu voltei a trabalhar, foi na Honda equipamentos lá em Itirapina, eu montava carros. Só que lá era

temporário né, depois da reforma trabalhista e da previdência né, os patrões só estão ferrando o trabalhador. Aí os caras foram lá e fizeram temporário.

Você acha que ser jovem foi um dos motivos que seu patrão resolveu te mandar embora? Sim, com certeza, eu acho que foi um dos motivos. Não foi só eu que era jovem, foram mais outros cinco caras, que não tinham filhos, foram os que mais saíram.”

Seu depoimento intersecciona as categorias desemprego e juventude no atual mundo do trabalho, de tal forma que a exaltação discursiva da *doxa* dominante do “jovem que tem o mundo a sua frente” entra em choque com uma juventude que, muitas vezes, encontra-se sem oportunidades ou é dispensada mais facilmente de seus empregos (PAIS, 1990). Vale ressaltar que, quando Matheus encontrou outro emprego na Honda, seu contrato de trabalho foi inserido na lógica temporária, que avançou a passos largos principalmente após a reforma trabalhista (ANTUNES, 2018), como o próprio entrevistado reconhece, evidenciando ainda mais a relação desigual entre patrão e empregado.

No momento em que a entrevista estava sendo realizada, Matheus afirmou que estava desempregado havia 20 dias, desde quando terminou o contrato temporário, e estava procurando emprego desde então. O entrevistado também mostrou-se incomodado pelo fato de estar desempregado nesse período, embora a maioria dos outros entrevistados tenha vivenciado a condição de desemprego de forma mais prolongada. Matheus ressaltou que não entendia como ele ainda poderia estar desempregado, tendo em vista a quantidade de cursos de qualificação acumulados ao longo de sua trajetória. Porém, logo reconhece que as atuais medidas governamentais contra as leis trabalhistas podem ser uma das razões de seu problema.

Eu acho que é a situação econômica, o momento de incerteza, de governo. E eu acho que o maior motivo foi a terceirização, cara, a terceirização e a reforma da previdência, porque poderia mexer de certa forma, mas não do jeito que mexeram, atacando totalmente pobre, o trabalhador mesmo. (...) Então, do jeito que fizeram, né? Desde o governo Temer até o governo Bolsonaro, eu acho que foi ridícula a situação. (...) Eu tenho cursos bons até, então, se fosse ver, eu não estaria desempregado. (...) Foi a questão da reforma trabalhista, e a reforma da previdência. Porque esse último trabalho que eu tive foi temporário, e não tinha trabalho temporário antes. Eu fiquei desempregado, eles só pagaram o acerto, aí eu não peguei o FGTS, falaram que iam depositar meu FGTS e não peguei também o seguro-desemprego, porque não tem.

Para além da percepção de Matheus de que as mudanças recentes na regulação do trabalho implicaram em perdas em termos de estabilidade, proteção e segurança no emprego, é interessante notar o choque do entrevistado ao ser inserido, pela primeira vez, em um trabalho de contrato temporário, evidenciando os impactos das mudanças nas relações de trabalho que implicam em consequências pessoais aos trabalhadores (SENNET, 2006). Além da própria dinâmica diferenciada em seu emprego no que se refere ao próprio contrato e cotidiano laboral.

Matheus não teve acesso ao seu Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) quando foi demitido sem justa causa, nem mesmo ao seguro-desemprego, uma vez que o desmonte de qualquer caráter assistencialista torna-se cada vez mais generalizado (HARVEY, 2018b).

Ao trabalhar na multinacional Honda de forma temporária, Matheus também presenciou o contraste entre os antigos trabalhadores efetivados e que construíram carreira na empresa em oposição àqueles que começaram a ser contratados em um contexto ainda maior de flexibilidade e pós-reforma trabalhista, como foi o seu caso. Mesmo que o entrevistado afirme que prefira trabalhar sob regime da CLT ao invés de informalmente, continuou a demonstrar um certo pessimismo com a regulação do trabalho no país.

Eu iria optar [trabalhar] por carteira assinada, por mais que eu acho que está mais complicado (...) CLT tem fundo de garantia, tem vários negócios legais, só que depois que eu entrei na multinacional lá na Honda eu vi que, tipo, tá complicado, entendeu? Não é mais como antigamente em que você entrava na produção e tinha plano de carreira, (...) meu salário nunca ia chegar no salário dos caras que tinham 10, 15 anos [de trabalho]. Não tem mais plano de carreira, vai ficar por aquilo lá mesmo, se quiser é isso aí mesmo. Até o cara que tem engenharia (...) O negócio é Marketing Digital hoje em dia, tecnologia. (...) Hoje em dia você tem que fazer o que está na tendência, não pode fazer mais o que você gosta, (...) tem que correr atrás.

O depoimento de Matheus dialoga diretamente com o que Sennett (2006) afirma sobre a capacidade do capitalismo flexível em bloquear qualquer estrada reta e pré-estabelecida de carreira, desviando constantemente os trabalhadores de um trabalho para outro. O entrevistado tem plena consciência de que o mercado de trabalho em que está inserido é diferente daquele de 15 anos atrás. Ao se deparar com funcionários da Honda que estavam há mais tempo na empresa, com contratos por tempo indeterminado e plano de carreira, Matheus se sentia deslocado, diferente, não pertencendo ao mesmo grupo, além da nítida discrepância salarial. O pessimismo quanto ao mundo do trabalho contemporâneo se estende até mesmo às áreas que, até alguns anos atrás eram vistas como promissoras, com garantias de emprego e estabilidade, como era o caso da engenharia.

Em um mundo submerso na tecnologia digital, as atividades de trabalho que se realizam por intermédio da internet são potencializadas ao lado dos ideais de “livre mercado” tão caros ao neoliberalismo, pois é através do capitalismo em sua roupagem neoliberal que a Ideologia do Vale do Silício²⁸, do espírito empreendedor e da individuação e atomização da Internet são promovidos (SCHRADIE, 2017), destronando carreiras anteriormente exaltadas como

²⁸ Os aspectos culturais do Vale do Silício estão intimamente associados com o advento do ideário empreendedor por trás do “self-made man”, com figuras como a de Steve Jobs (fundador da Apple) à frente. A ideia de jovens com espírito livre e que inovaram em suas garagens a partir “do nada” parecia dar o revigoramento necessário ao capitalismo, que buscava “incorporar” as críticas resultantes de eventos como o maio francês de 1968.

referenciais no mercado. Além disso, Matheus ressalta que o trabalhador deve se adequar ao que está na “tendência”, isto é, aos trabalhos digitais, baseado nas TICs (Tecnologias da informação e comunicação) e realizados, muitas vezes, de modo intermitente, individual (tal como propõe o *home office*), informal e esporádico.

Posteriormente, levando em consideração que o empreendedorismo é constantemente mobilizado no contexto neoliberal enquanto possível saída ao desemprego, Matheus afirmou que já pensou em empreender, porém reconhece as dificuldades e incertezas por trás de tal “solução”, questionando, inclusive, sua capacidade.

Cara, eu já pensei, mas sei lá, eu acho que eu duvido um pouco da minha capacidade. Será que vale a pena? Também tem essas incertezas. Você tem que abrir um negócio grande e que vai lucrar mesmo, porque ser micro empresário nesta pandemia também complicou muito a situação né? Então assim, pra ser micro empresário não vira, você teria que abrir uma coisa já estável. (...) É difícil falar sobre empreender agora, nesse momento, mas eu acho que muita gente tá pensando nisso, né? Acho que o futuro aí vai ser empreender, vai ser sair da CLT...”

A forte instabilidade que marca o cenário contemporâneo é, sem dúvidas, um dos aspectos do mundo do trabalho que mais incomoda Matheus, que reconhece e associa o empreendedorismo à instabilidade. Contudo, o entrevistado deixa claro que, no que diz respeito ao futuro, será cada vez mais comum a noção de empreender em detrimento de qualquer estabilidade garantida pela CLT. A partir do seu depoimento, é possível encontrar os traços marcantes do capitalismo neoliberal, que preza por flexibilidade, instabilidade e transforma os sujeitos em empresários de si próprios. Quando questionado sobre a disposição em abandonar o regime da CLT, Matheus retomou a questão do empreendedorismo, mas afirmou estar mais convicto em ser concursado sob regime estatutário.

Tem essa questão de empreender né, ou também de estudar, de passar no curso que eu quero que é o direito e prestar concurso público. (...) eu tô decidido a sair mesmo da indústria, cara, de sair da CLT onde eu sempre trabalhei, onde meu pai sempre trabalhou...

E o que o seu pai achou dessa sua decisão? Ele acha que é o melhor a se fazer, antes ele me incentivava a entrar na multinacional que ele trabalha. Mas aí ele falou: “estuda, o negócio é concurso público, trabalhar para o Estado mesmo”. Ele me incentiva a mudar os hábitos.

A relação de Matheus com o seu pai pode ser comparada com o caso que Richard Sennett (2006) relatou sobre Enrico e seu filho Rico, visando demonstrar a diferença na inserção laboral entre duas gerações distintas. Enrico trabalhou por 20 anos em uma mesma profissão de modo linear, economizando dinheiro com o objetivo de servir às demandas familiares, Rico, por sua vez, teve uma trajetória laboral mais especificamente individual, marcada por mobilidade, não-linearidade e incerteza, em que o aspecto “fugidio” de suas relações quebravam qualquer noção de “longo prazo” em prol de um movimento “impaciente”

do capital, que delineava relações flexíveis, episódicas e baseada em redes sustentadas pela “força de laços fracos” (SENNET, 2006, p. 25). Nota-se que o próprio pai de Matheus também reconhece que o mundo do trabalho que ele adentrou não é o mesmo de seu filho. Se antes havia um certo incentivo para que Matheus seguisse seus passos na indústria, agora ambos reconhecem que o caminho deve ser a busca de estabilidade mediante concurso público.

Aqui está evidenciada a possibilidade de agência dos sujeitos em atuarem mediante um cenário social pré-estabelecido a partir de suas experiências e referências, uma vez que, se a lógica neoliberal clama pelo empreendedorismo individual e por qualquer pessimismo quanto às ocupações estatais (supostamente ineficientes), Matheus continua a reconhecer que esse é o melhor caminho para sua trajetória profissional, apesar das políticas de desmonte estatal que continuam operantes no contexto atual. Isso se deve, ao que tudo indica, à referência que Matheus ainda demonstra em relação ao trabalho formal e mais estável de seu pai. Diferentemente de outros jovens, o entrevistado não “naturaliza” outras formas de contratação ou a ausência de contrato, sendo, inclusive, extremamente crítico a elas.

Não obstante, no que diz respeito à possibilidade de se aposentar, tanto Matheus quanto seu pai afirmaram que não se pode mais confiar em tal futuro por meio do Estado, ou seja, há um pessimismo quanto ao assistencialismo público, que, não por acaso, é um dos grandes focos dos desmontes privatizantes do neoliberalismo. Ao ser questionado sobre a possibilidade de se aposentar, Matheus de início citou seu pai:

“Hoje em dia é pagar por fora a previdência, porque hoje em dia não compensa mais. Antigamente, na minha época compensava, mas, depois da reforma da previdência, afetou muito um plano de carreira, você não tem mais um plano de carreira”. (...) Eu acho que vai ser difícil ter uma aposentadoria, o negócio é previdência privada, você guarda um dinheiro por mês, e é isso. Pensar que eu vou ter uma aposentadoria, a gente da nossa idade aí (...) é meio complicado.

No que se refere a possibilidade de se aposentar, é possível fazer um paralelo com a opinião de Matheus e os discursos neoliberais que direcionam todas as garantias de vida aos serviços privados. Ou seja, mediante um desmonte consistente de toda a proteção social, seja no que diz respeito à educação, saúde, moradia, etc., a ideologia do neoliberalismo não tarda em oferecer soluções privadas para tal “ineficiência” pública. Nesse caso, se é inconcebível uma previdência sustentada pelo Estado, a solução está em recorrer a uma empresa privada, sendo tal alternativa incentivada pelo próprio pai de Matheus, que reconhece a ausência de qualquer planejamento a longo prazo no mundo do trabalho contemporâneo.

Em meio a um cenário em que grande parte da juventude encontra-se à deriva, sem referenciais claros e sem grandes possibilidades de planejamento a longo prazo (WICKERT,

2006), casos de ansiedade²⁹ tornam-se cada vez mais comuns (SENNET, 2006). Quando tal ansiedade soma-se à condição de desempregado em uma sociedade em que você só é considerado “alguém” na medida em que trabalha (MARX, 2004), os sujeitos que a enfrentam tornam-se estigmatizados, como se carregassem um “atributo impuro” em suas vidas (GOFFMAN, 1981). Nesse sentido, sentimentos de autodepreciação e incerteza sobre o futuro caracterizam o discurso mobilizado por Matheus acerca de sua condição de desempregado.

Ah eu me sinto mal né, cara, tipo, tem conta pra pagar e tal. As coisas são bem complicadas, eu me sinto inútil na verdade (...) eu vejo meu pai trabalhando, suando né (...) não estou me sentindo útil, para pagar minhas contas, para contribuir de certa forma, entendeu? você fica pensando, você fica muito incerto. Tive amigos que até entraram em depressão, sabe? (...) Você fica meio mal, você não sabe o que vai ser do seu futuro, (...) você fica pensando em várias coisas (...) e eu já tenho problema com um pouco de ansiedade também. (...) Então assim, a saúde mental eu digo que afetou bastante, a física também, porque uma coisa acumula a outra né.

3.2 Informalidade e dignidade: o caso de Sandra

Sandra é uma jovem trabalhadora de 23 anos que, no momento da entrevista, encontrava-se desempregada e cursando uma graduação de Recursos Humanos de modo virtual. Ao perguntarmos sobre qual cor/raça Sandra se identificava, ela se declarou parda, além de se considerar atea em termos religiosos. Ao contrário de Matheus, a entrevistada nos contou que estava desempregada há mais de um ano, não sendo a primeira vez que enfrentou a condição do desemprego prolongado, posto que, ao completar seu ensino médio em 2015, só conseguiu um emprego dois anos depois.

Sempre estudando em escola pública, Sandra nunca precisou conciliar seus estudos com um trabalho, uma vez que o salário do pai (construtor civil) e da mãe (operadora de marketing) possibilitou que terminasse o ensino médio sem maiores dificuldades, chegando inclusive a realizar um curso técnico de auxiliar de linha de produção. Não obstante, quando relata suas experiências ao adentrar o mercado de trabalho, Sandra ressalta as péssimas condições de trabalho que enfrentou enquanto estava na informalidade, o que a levou a ser uma forte defensora do trabalho sob CLT.

Ah sim, [trabalhar sob CLT] foi muito melhor do que informalmente, porque uns trabalhos que peguei informais eram péssimas condições de trabalho, e como, assim, não tem nenhum vínculo, o patrão trata o funcionário como ele quer, então às vezes excedia hora, era bem mal educado, e você não podia reclamar, né, pra quem você

²⁹ Muitos especialistas consideram a ansiedade enquanto sendo a “doença de nosso século”. Mais informações em: <https://institutosj.com.br/transtorno-de-ansiedade-generalizada-a-doenca-do-seculo/#:~:text=Considerada%20por%20muitos%20como%20a,exemplos%20da%20ansiedade%20%E2%80%9Cnormal%E2%80%9D> Acessado em: 14/10/2022

vai reclamar? (...) E com esse exército industrial que tem aí fora é facinho ele te substituir, então eu prefiro CLT.

No depoimento acima, é interessante notar o termo “exército industrial” mobilizado por Sandra, em paralelo a teoria de Marx (2013) acerca do desemprego na sociedade capitalista, em que um vasto “exército” de desempregados torna-se essencial para garantir tanto o rebaixamento de salários quanto uma fácil substituição da mão-de-obra pelos patrões. Não por acaso, ao longo da entrevista, foi possível identificar o apreço de Sandra por discussões envolvendo a “área de humanidades”, tendo a entrevistada nos revelado que quase chegou a cursar filosofia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mas que acabou não sendo possível em virtude de falta de documentação necessária ao fazer a matrícula. Além disso, pude observar uma tatuagem em seu braço com a frase “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que remete à Revolução Francesa.

Após fortes críticas envolvendo seus patrões, perguntei a Sandra se suas relações com eles foram, de modo geral, ruins. No entanto, ela afirmou que teve experiências tranquilas e outras muito problemáticas e humilhantes, principalmente se o trabalho era informal.

Eu não vou jogar tudo nas costas do patrão porque eu era uma pessoa que não sabia muito controlar minhas emoções, mas, eu tive experiências boas e ruins (...) mas a parte ruim é aquilo (...) independente de você ser funcionário ou não, você não pode tirar a dignidade da pessoa. E várias vezes um patrão meu que era informal fez isso, entendeu? É um ambiente muito tóxico para trabalhar, você vai desmotivada...

Tendo em vista que o trabalho informal era algo visto como extremamente negativo por Sandra, quando foi abordado o tema do empreendedorismo na entrevista, a primeira frase que ela disse ao me responder (de modo sarcástico) foi: “Já tem vários empreendedores por aí, né?”. Logo após, afirmou que já tinha pensado em empreender, mas que não era tão fácil assim. Ou seja, ao contrário de alguns depoimentos, Sandra olha com cautela para a possibilidade do empreendedorismo, inclusive caçoando da quantidade de supostos “empreendedores” que se fariam presentes no mundo do trabalho atual, o que, de certa maneira, opõe suas percepções à representação propaganda pela lógica neoliberal que vangloria o empreendedorismo e o apresenta como solução para todos os males.

Posteriormente, ao perguntar a Sandra sobre seu último emprego, a entrevistada afirmou que foi em um escritório de advocacia. Porém, logo na primeira semana de trabalho, o escritório foi fechado em virtude da pandemia da covid-19, o que reforçou a percepção de Sandra de que a pandemia agravou a situação de desemprego para grande parte dos trabalhadores. Não obstante, como ela mesma afirmou: “já estava ruim a situação (...) estava precária já (...) A pandemia só empurrou pro buraco o que já estava à vista”. Desse modo, há o reconhecimento

de que, embora a pandemia tenha piorado os índices de desemprego, estes já estavam em constante crescimento, em paralelo ao avanço de trabalhos precários e informais.

Considerando que Sandra estava desempregada há mais de um ano, ao falar sobre o motivo de tal condição (pensando, inclusive, o tempo de dois anos que ela passou para conseguir um primeiro emprego após concluir o ensino médio), a contradição entre precisar de experiência sem conseguir uma primeira oportunidade fez-se presente.

Geralmente, quando você sai do ensino médio, já começa aquilo que eles pedem de você ter experiência né, e é um pouco impossível você ter tido experiência antes (...) é bem contraditório. (...) Você se qualifica, mas ainda sim eles vão pedir a experiência, então, não sei de quem é a culpa realmente, mas eu coloco um pouco na parte do período que a gente tá vivendo de crise mundial, (...) mas também parte do governo (...) mas acho que são diversos fatores.

A questão da ausência de experiência que, contraditoriamente, só pode ser conseguida após a oportunidade de adentrar o mercado de trabalho, reflete a realidade da maioria dos jovens trabalhadores, que são desmoralizados antes mesmo de sua força de trabalho ser “posta em ação” (CASTEL, 2009). Nota-se ainda que, segundo Sandra, mesmo acumulando qualificações profissionais, a experiência continua sendo um impasse, configurando um cenário que, como a própria entrevistada afirma, é marcado por contradições. Além disso, o que estava possibilitando a manutenção de suas condições de vida era a renda de sua mãe, que contabilizava cerca de R\$1.500,00 reais. Contudo, além de ajudar Sandra no período do desemprego, sua mãe também ajudava sua outra filha.

A minha mãe ela ganha pouco, e ela ajuda minha irmã que vai ter um bebê, então, assim, tá péssimo, mas eu acredito que é só um momento, que vai melhorar, mas quando você não tem nem para o básico fica difícil, você fica estagnada, então, igual eu: meu notebook quebrou, o que eu vou fazer? Eu não posso recorrer à minha mãe porque ela não tem um centavo (...), é caro. Aí eu fico fazendo bico pra conseguir pelo menos, ah eu vou voltar a estudar e preciso colocar passe na minha carteirinha, aí eu consigo uns bicos, mas, enfim, é isso.

Uma característica marcante da classe trabalhadora brasileira, a de ser constantemente obrigada a "saltar" entre trabalhos informais, de curta duração e mal remunerados (ANTUNES, 2009), é evidenciada no depoimento acima. Nesse sentido, a busca por bicos para propiciar alguma renda é uma das estratégias mobilizadas pelos trabalhadores em condição de desemprego. As condições da acumulação flexível impulsionam sentimentos de deriva no tempo, sem lugar definido, que exige saltar de emprego em emprego em um fluxo contínuo ainda que indefinido (SENNETT, 2006).

Em um determinado momento da entrevista, quando afirmado à Sandra que faltavam apenas algumas perguntas para encerrarmos, fomos surpreendidos com a seguinte resposta

seguida de risos da entrevistada: “Fique à vontade, eu não tenho nada pra fazer em casa mesmo, estou desempregada”. Nesse sentido, Sandra chegou a afirmar que a condição de desempregada a deixou sem rotina: “Eu não tenho mais rotina, né, então eu estava bem mal uns tempos atrás. (...) A falta de rotina deixa você um pouco atordoado”. Tal atordoamento relatado pela entrevistada relaciona-se com o que Sennett (2006) define enquanto feneção do longo prazo, uma vez que rotinas bem delineadas e planejadas não possuem espaço em um mercado cada vez mais flexibilizado, em que a dimensão do tempo no capitalismo flexível altera a rotina dos indivíduos tanto dentro quanto fora das relações de trabalho, o que pode, inclusive, levar ao sofrimento e ao adoecimento.

A ausência de planejamentos minimamente estruturados leva a um sentimento de incerteza e de insegurança para o trabalhador em condição de desemprego, ocasionando sentimentos de desmotivação e, em última instância, desalento. No caso de Sandra, problemas psicológicos como a depressão também se fizeram presentes.

Eu estava até com começo de depressão, não aguentava mais a mesma rotina e a mesma situação (...) Depois de um tempo que eu vi que não ia conseguir serviço tão rápido, você fica desmotivada, né, então fica aquilo de ver as necessidades aparecerem e você não ter como suprir (...) essa incerteza, medo do futuro, então é complicado (...) Eu já não tinha uma projeção pro futuro, eu estava tão desanimada, que eu falo: se o presente tá assim imagina o futuro (...) sabe aquele futuro que nunca vem nesse país? (...) Eu acredito que tem como ter uma vida estável aqui, mas que eu vou ter que ralar muito, porque é muito difícil ter qualquer coisa aqui, seja casa ou carro.

Se, por algum tempo, a ideia de cursar uma faculdade, adquirir uma casa e um carro era difundida enquanto o caminho linear para a maioria dos indivíduos, o que presenciamos, na era da acumulação flexível, é um certo pessimismo por parte dos trabalhadores de qualquer estabilidade financeira duradoura, um medo do futuro que parece obscuro diante das possibilidades existentes. Noções como de aposentadoria e plano de carreira perdem sentido em um mundo regido por um capital cada vez mais “impaciente”. Desse modo, o caso de Sandra demonstra uma juventude que deve se virar constantemente (LIMA; PIRES, 2017), no seu caso, precisando conciliar trabalho com um curso de graduação a distância em meio a dificuldades financeiras latentes.

3.3 Dedicar-se 100% para empreender: o caso de Carlos

Carlos é um trabalhador pardo de 27 anos que, assim como Matheus, estava desempregado havia mais ou menos um mês. Diferentemente dos outros entrevistados anteriormente citados, Carlos não chegou a completar o ensino médio, tendo abandonado os

estudos, uma vez que, segundo ele, não encontrava motivação para continuar estudando. No momento da entrevista, nos contou que estava morando com o pai e o irmão, em que a renda familiar totalizava cerca de um salário mínimo e meio, renda essa adquirida através de bicos, posto que ninguém da família trabalhava de modo registrado. Mais uma vez, a condição de saltar de bico em bico para obter alguma renda aparece como elemento comum a muitos jovens trabalhadores do Brasil.

Ao discutirmos a trajetória profissional de Carlos, este afirmou que já teve muitos empregos, mas preferiu contar sobre o seu último trabalho, que foi em uma fábrica.

Você tem aquele compromisso com a fábrica, né, de não deixar parar. Eu acho interessante, eu gosto bastante desse ritmo pegado que não para, que você tem que levar a fábrica adiante. (...) eu estava com o meu emprego garantido e fixo lá, mas eu via que eu estava fazendo muito esforço pra pouca coisa, e que futuramente eu ia ficar naquele mesmo lugar. Por isso que eu resolvi sair do emprego, porque agora tá acabando a pandemia, né, tá tendo uma melhoria em bastante área, uma melhorada, né? Aí eu aproveitei e sai do emprego pra tentar uma coisa nova. (...) Estou vendo se eu consigo montar um negócio meu, alguma coisa assim.

O depoimento de Carlos é particularmente interessante ao notarmos que, mesmo inserido em um trabalho fixo e regular, a necessidade de mobilidade social e de “sair do mesmo lugar” incidiram na ação do entrevistado para deixar seu emprego e procurar algo novo, neste caso, montar um negócio próprio. Aqui, há um diálogo com a concepção de nova informalidade (LIMA, 2013), carregada de maior complexidade em oposição às abordagens que viam no fenômeno um aspecto transitório de um capitalismo em “amadurecimento” ou mera oposição indesejável à formalidade. Na realidade, o caso de Carlos expõe que, se por um lado deixar seu emprego e atuar na informalidade pode ocasionar em claras dificuldades financeiras e perda de estabilidade, os modos como tal situação será avaliada e elaborada pelas experiências e subjetividades dos sujeitos podem ser variadas e substancialmente distintas (RANGEL, 2021).

Se levarmos em consideração os benefícios de um trabalho formal, regular e sob CLT em oposição à informalidade de abrir seu próprio negócio, poderia ser impensável, para alguns, que Carlos tomasse a decisão que tomou, porém, a realidade de um capitalismo periférico, que mescla e normaliza elementos informais e formais de modo desigual e combinado, paralelamente ao avanço da ideologia neoliberal capaz de normalizar práticas e discursos em que o ato de correr riscos torna-se regra da flexibilidade (SENNETT, 2006), acabam por demonstrar como a via empreendedora torna-se, muitas vezes, mais atraente do que trabalhos fixos e sem mobilidade social. Não obstante, para além das condições socialmente

estabelecidas que influenciam a experiência de Carlos, é imprescindível considerarmos o modo único que suas experiências são tratadas por sua consciência.

Nesse sentido, embora esteja desempregado há somente um mês, o entrevistado nos contou que, antes da pandemia, já havia enfrentado uma condição de desemprego prolongado por dois anos, sendo um dos fatores que o levou a enxergar na informalidade uma alternativa aos escassos postos de trabalho no setor formal.

Antes mesmo de começar a pandemia, eu fiquei desempregado, e fiquei 2 anos entregando currículo, eu já estava tão desanimado que falei: “não, eu vou tentar fazer alguma outra coisa porque, oloco, entregar currículo não tá arrumando nada”. Aí eu comecei de início a trabalhar por conta própria, trabalhei 3 meses e depois tive a sorte de arrumar um emprego.

A condição que Carlos experimentou de ficar cerca de dois anos desempregado incidiu diretamente em sua percepção acerca da informalidade, não mais vista enquanto extremamente negativa, e sim como alternativa a um mercado de trabalho excludente. Sem dúvidas, sua experiência prolongada com o desemprego o fez olhar as alternativas apresentadas por um cenário neoliberal enquanto possivelmente aceitáveis. No seu caso, a ideia de empreender e ter o próprio negócio seria a chave para um futuro promissor.

Ah, eu sempre fui interessado em abrir uma coisa pra mim, porque eu imagino assim: acordar seis horas da manhã pra trabalhar, o esforço que eu fazia para os outros, se metade daquele esforço que eu fazia para os outros eu inverter para o meu negócio, não tem como não dar certo. (...) Só não dá certo para uma pessoa empreender no seu negócio porque a pessoa não dá o 100% dela. (...) Do mesmo jeito que você dá 100% em uma empresa que você tá de carteira assinada, se você também dá 100% nas suas coisas e no seu foco ali você vai pra frente sim.

A partir de tal depoimento, é possível relacionar o discurso mobilizado por Carlos com aquele impulsionado pela lógica neoliberal, a ideia de que o sucesso individual depende, unicamente, de fatores individuais apaga qualquer impasse imposto pela realidade social, totalmente abstraída. Não por acaso, Dardot e Laval (2016) ressaltam que a fabricação do sujeito neoliberal impõe uma ética empreendedora em meio a tempos de incerteza generalizada, em que os indivíduos devem guiar seus próprios esforços para solucionar problemas estruturalmente estabelecidos.

Além disso, a ideia de empreender tem especial significado para Carlos na medida em que, com seu próprio negócio, todo o seu esforço e trabalho seriam direcionados a ele mesmo, não mais submetido a mandos e desmandos de terceiros. Ele seria, em outras palavras, “seu próprio patrão”. Tal percepção dialoga com os esforços da lógica neoliberal em supostamente apagar a relação desigual entre patrão e empregado em prol de “colaboradores”. No caso de

Carlos, que estava buscando abrir um estúdio de tatuagem, ser empreendedor significa não trabalhar mais um dia sequer, já que está fazendo o que “é seu”.

Agora eu ainda to no processo de investir (...) mas a partir do momento que chegar todos os equipamentos e todo meu negócio aí sim eu quero me empenhar, quero me focar 24 horas por dia né mano, porque meu serviço, aquilo que quero fazer, tem que focar nele, porque se não focar cê não faz nada. (...) Se eu fizesse isso pra mim não é nem trabalhar né, porque eu gosto bastante. (...) tem tatuador que é tão avançado que não fica só no estúdio, ele viaja o mundo (...), esse é meu objetivo.

Tendo em vista que o entrevistado enfatizou diversas vezes a expectativa de direcionar o esforço para si mesmo, ter seu próprio negócio e não depender de terceiros, perguntei a ele se, em algum momento de sua trajetória profissional, acabou enfrentando algum tipo de problema com colegas de trabalho ou com o próprio patrão. Em sua resposta, Carlos se mostrou decidido em suas escolhas e ações, afirmando que não é igual aqueles que gostam de “ficar reclamando”.

Geralmente foi tudo tranquilo, porque eu sou um cara que obedece ordem, um cara que você pode vim se eu tiver fazendo uma coisa errada, pode vim e falar comigo que eu não fico bravo. Eu sei que é o seu serviço ali e você tem que cobrar mesmo de mim, pra mim fazer o mais certo possível. Nessas partes eu fui sempre tranquilo. (...) Não acho que alguém fez alguma injustiça comigo ou falta de desempenho meu (...) eu sou um cara que dou o máximo de mim, se eu vejo que dou o máximo de mim e não to sendo reconhecido (...) eu mesmo saio da empresa. Sou tranquilo nessa parte, nunca tive uma injustiça.

E você reparava alguma intriga entre seu patrão e seus colegas? Ah, é muito serviço pra um pouco pra outro, aquelas preferências que não era pra ter de um funcionário para outro.

Como dito anteriormente, a lógica neoliberal tem como um de seus grandes oponentes o caráter assistencialista de qualquer instituição pública, buscando enfatizar a responsabilidade individual em oposição a qualquer proteção social. Nesse sentido, Carlos se mostra um trabalhador que confia em si mesmo quando o assunto é se manter empregado. Assim, segundo ele mesmo diz, nunca sofreu nenhum tipo de injustiça, embora posteriormente ele mencionasse casos injustos envolvendo preferências pessoais de seu patrão em relação aos colegas de trabalho. Não obstante, é inegável que o entrevistado demonstra uma predisposição mais semelhante àquela exigida pelo mercado flexível, do trabalhador que se entrega à empresa quando está trabalhando, mas que quando está desempregado entende que somente se dedicando 100% sem esperar nada de terceiros é que a mudança pode acontecer.

3.4 Planejamento interrompido: o caso de Laura

Laura é uma jovem estudante e trabalhadora negra de 24 anos, com uma filha de quatro anos. No momento da entrevista, estava cursando graduação em educação especial na Universidade Federal de São Carlos e procurando trabalho para conciliar com seus estudos. Laura completou seu ensino médio em escola pública, e afirma que precisou estudar e trabalhar desde a oitava série (nono ano), conhecendo desde cedo as dificuldades de estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Foi muito cansativo, eu comecei na oitava série trabalhando, aí eu trabalhei à noite, sabe? Das 18:00 às 21:00, depois eu comecei a ficar o tempo integral, pois eu fiz 18 anos. Aí eu chegava na escola às 7:00 da manhã, eu saía da escola 12:00 e ia correndo pra casa, tomar banho para chegar lá 13:30 (...) aí eu ficava até às 22:00. Foi cansativo, era muito difícil.

Assim como outros jovens brasileiros, a trajetória de Laura é marcada pela conciliação entre estudo e pelo trabalho, rompendo com o senso comum dominante que constrói a imagem de uma juventude que só estuda, sendo o trabalho uma espécie de “transição” para a vida adulta (PAIS, 1990). Do contrário, como afirmam Corrochano e Tommasi (2020), o trabalho se configura enquanto uma das dimensões constitutivas do jovem brasileiro, em que muitos necessitam trabalhar, tanto para contribuir na manutenção familiar, quanto para garantir sua autonomia. No caso de Laura, como ela mesma afirma, sua família (que contabilizava nove pessoas) estava completamente desempregada e sem qualquer renda, dependendo unicamente do INSS para se sustentar, o que implicou que ela fosse em busca de emprego, não sendo possível seguir unicamente com os estudos da graduação.

Conforme a entrevista avançava, Laura relatava sobre sua trajetória profissional, desde seu primeiro emprego até chegar a atual situação de desemprego em que se encontrava.

[O primeiro emprego] foi em 2013, minha mãe chegou da igreja e falou que tinha um mercado que iria abrir, e que a dona queria que levasse currículo de menores de 18 anos. Aí eu levei, ah eu nem levei praticamente porque ela disse que já estava me esperando. (...) Nesse trabalho eu era menor aprendiz, fazia de tudo, depois eu trabalhei no mesmo lugar como RH [Recursos Humanos], e depois eu saí e trabalhei como operadora de caixa, foi meu último trabalho. (...) Eu estou procurando trabalho faz um ano.

Neste depoimento, é interessante notar que, em seu primeiro trabalho como menor aprendiz, Laura precisava “fazer de tudo”, expondo que o trabalho juvenil, seja em estágio ou em primeiros empregos, muitas vezes é aproveitado pelos empregadores de modo a atender quaisquer afazeres, explorando uma força de trabalho recém alocada no mercado de trabalho e que não possui muitas expectativas iniciais, além da necessidade de acumular “experiência”. Após seu último emprego como operadora de caixa, Laura estava procurando trabalho há cerca de um ano, expondo a condição de desemprego prolongado que caracterizou muito dos entrevistados, somado ainda com o advento da pandemia da covid-19.

Grande parte da trajetória profissional de Laura se realizou na formalidade. Contudo, quando questionada sobre a preferência em trabalhar sob regime da CLT ou de modo informal, sua resposta foi inesperada:

Olha, por tudo que eu sei e conheço, eu ainda prefiro trabalhar de carteira assinada, mas pelo que eu estou passando agora, essa situação excepcional do país, eu ia escolher trabalhar sem carteira assinada (...) Porque quando a gente pensa nos nossos direitos, né, que a gente recebe tudo certinho com a carteira assinada, tá tudo comprovado, beleza. Só que agora, se eu precisar trabalhar aqui, eu não vou poder trabalhar em outro lugar. Se eu tiver com a carteira assinada. (...) então não compensa nem um pouquinho porque com 1000 reais [referência ao salário mínimo] nem dá pra fazer nada.

Embora não seja proibido que o trabalhador (que esteja no setor privado) tenha dois ou mais empregos, Laura afirma que enxerga uma rigidez no trabalho registrado que, de certa forma, poderia impedi-la de ter outro emprego. Desse modo, uma vez que a informalidade envolve atividades com horários mais flexíveis (ainda que com um salário mais baixo), a entrevistada aposta na ideia de que dois empregos informais poderiam atingir uma remuneração mais desejável para ajudar seus familiares, paralelamente a uma flexibilidade que possibilite um melhor arranjo entre jornada de trabalho e graduação.

Sendo assim, o mundo do trabalho flexível sob a égide neoliberal impõe uma realidade social que, muitas vezes, apresentará na informalidade maiores possibilidades para garantir uma rotina que possibilite mesclar o trabalho, os estudos e os cuidados familiares (Laura também precisa cuidar de sua filha de quatro anos). Ou seja, em oposição a um trabalho com horário e contrato mais rígidos (ainda que com maior estabilidade e direitos), opta-se pela informalidade em prol de tentar adquirir uma renda maior no final do mês, mesmo que isso signifique mais instabilidade, insegurança, piores condições de trabalho e ausência de direitos.

Para possibilitar uma mínima sobrevivência em termos de subsistência, o capitalismo neoliberal deixa como única alternativa a Laura empregos precários e informais. Além disso, a esfera familiar traz consigo um peso considerável nas decisões de Laura (trabalhadora mulher e com um filho para cuidar), evidenciando a responsabilidade que carrega com tarefas ligadas à reprodução da vida, tal como cuidados de casa, do filho e de sua família (CASTRO, 2016), reforçando os papéis de gêneros perpetuados por um capitalismo que, muitas vezes, direciona às mulheres a uma dupla jornada de trabalho, tanto laboral quanto familiar.

Tendo em vista a percepção da entrevistada acerca da informalidade, poderíamos deduzir que o empreendedorismo seria algo visto como positivo por Laura. Contudo, tal dedução mostra-se equivocada quando é discutida a possibilidade de empreender.

Às vezes a gente pensa né? Porque o pessoal vende essa ideia como se fosse a solução mágica para o que a gente está passando. Só que não é assim: o meu namorado ele trabalha com informática, né, aí a gente pensou em ele começar a fazer conserto de celular, porque aqui em São Carlos tem dos piores consertos. Aí ele começou, só que aí tem que ir no SEBRAI, assistir um cursinho para aí ver se você consegue um investimento, e ainda se você não tiver ensino superior é muito mais difícil. É impossível fazer isso aqui no Brasil. (...) Ninguém fala que [para empreender] seu pai tem que ser rico, ninguém fala disso.

Desse modo, se por um lado há um possível paralelo entre a concepção de Laura acerca da informalidade com todo o discurso neoliberal que elogia a flexibilidade, o mesmo não pode ser dito em relação ao empreendedorismo, que é visto pela entrevistada como uma falsa “solução mágica”, inacessível para aqueles que não nasceram com um “pai rico”. Isso mostra a capacidade que os trabalhadores possuem de enxergar para além das falsas soluções apresentadas pelo neoliberalismo mediante suas próprias análises e percepções.

Nos últimos momentos da entrevista, uma vez que Laura estava há cerca de um ano desempregada, questionei se tal condição havia afetado, de certa maneira, sua saúde física e mental, o que logo foi confirmado pela entrevistada.

Aham, com certeza, eu até comecei a fazer terapia, com tão preocupada que eu tô. Antes eu nem tinha tanta preocupação, eu pensava que eu ia me formar, com tranquilidade, pelo menos nesses quatro anos, e depois sair e já procurar um emprego, só que não deu tempo, sabe? Não foi como eu planejei. Foi muito conturbado. (...) Se eu pudesse escolher, eu ia querer uma bolsa de iniciação científica, pra eu poder estudar, que era justamente o que eu queria fazer, pelo menos nesses quatro anos.

Nota-se que o planejamento inicialmente delineado por Laura foi frustrado pelas condições sociais impostas em sua vida, em que o longo prazo se tornou impensável (SENNETT, 2009). No plano ideal, Laura estava buscando uma bolsa de iniciação científica para dar os passos iniciais em sua carreira de pesquisadora e conseguir estudar ao longo desses quatro anos. Contudo, tal expectativa foi frustrada, uma vez que está procurando trabalho justamente para garantir a possibilidade de terminar a graduação.

Em meio a um cenário sem planejamento a priori e cada vez mais instável, a noção de se aposentar também não faz sentido para Laura, que questiona a possibilidade de qualquer estabilidade no futuro, sendo mais fácil “morrer antes”.

Estabilidade? Nossa, não sei, realmente não sei. Aposentadoria eu não sei também (...), eu me imagino me aposentando, mas eu não imagino quando, se eu vou chegar na idade de me aposentar ou se eu vou morrer antes.

Ou seja, a flexibilidade e seus elementos de insegurança e incerteza já penetraram no mercado de trabalho de tal forma que, segundo Laura, é mais fácil imaginar a chegada da própria morte do que uma vida com estabilidade e aposentadoria garantidas.

3.5 Breve balanço analítico dos casos apresentados

Optamos por colocar em relevo os quatro casos anteriores em virtude da riqueza dos depoimentos concedidos pelos entrevistados e por sintetizar, de certa forma, o que foi encontrado em campo. Logo de início, nos é demonstrado que trabalhar e estudar constitui um elemento extremamente presente na vida de muitos jovens trabalhadores. Os casos de Matheus e Laura evidenciam isso, posto que ambos tiveram que trabalhar e estudar em algum momento de suas trajetórias, por mais que suas motivações tenham sido distintas. Além disso, nota-se que a dimensão laboral, de estudos e familiar se mesclaram na trajetória de Laura em um momento em que a entrevistada afirmou ter planejado somente estudar e terminar sua graduação sem maiores problemas, no entanto, o planejamento foi frustrado.

A questão do desemprego prolongado também foi evidenciado em alguns dos casos, como mostrou Carlos, que ficou cerca de dois anos entregando currículos e, a partir de tal experiência, começou a enxergar no empreendedorismo uma oportunidade mais atrativa. Sandra também vivenciou o desemprego prolongado por cerca de um ano, em paralelo ao advento da pandemia da covid-19, que dificultou ainda mais a busca por um novo emprego.

Além disso, a maneira como os jovens enxergam as relações de trabalho mais informais e instáveis variam de acordo com suas percepções e referenciais. Se Matheus, por um lado, condenava a informalidade e a ausência de estabilidade, tendo o trabalho de seu pai como referência (apesar de reconhecer que as circunstâncias mudaram), Carlos, por sua vez, enxergava na informalidade uma oportunidade de ascensão social conforme o sucesso de seu negócio, além de Laura que, embora soubesse que não era o ideal, optava por trabalhar informalmente para garantir maior renda com mais de um emprego, o seja, somente se submetendo a horas extenuantes de trabalho é que Laura poderia sanar, minimamente, as questões financeiras que a cercavam.

Sandra, no entanto, ao ter experiências problemáticas e com alta carga de exploração laboral dentro da informalidade, tornou-se uma ávida defensora da CLT, condenado o trabalho informal e todo o abuso dos patrões direcionados aos empregados. Apesar de Matheus também reconhecer os benefícios de um trabalho sob regime de CLT, o entrevistado ainda teme que o futuro do trabalho será empreender³⁰, em paralelo ao avanço de trabalho informais e digitais.

³⁰ Sobre o futuro do trabalho se encontrar intimamente ligado ao discurso empreendedor, vale ressaltar que o Centro de Apoio ao Trabalho (CAT), instituição governamental localizada na capital de São Paulo, alterou sua nomenclatura para Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo (CATE), indo de encontro com a opinião de Matheus sobre o tema e evidenciando a presença de tal concepção nas atuais configurações e discursos relativos ao trabalho e às políticas públicas.

No que diz respeito ao empreendedorismo, Carlos se destaca enquanto aquele que enxerga enquanto real alternativa ao desemprego, mobilizando discursos e concepções intimamente ligadas à lógica neoliberal, que clama por um indivíduo ativo, unicamente responsável pelo seu sucesso e que se entrega 100% ao seu negócio. Laura e Sandra, contudo, enxergam a alternativa empreendedora com ironia e pessimismo, uma vez que reconhecem a dificuldade em abrir seu próprio negócio e permanecer nele. Para Laura, considerando a questão financeira, torna-se praticamente impossível empreender no Brasil, uma vez que, como ela mesmo afirmou: “ninguém fala que seu pai tem que ser rico”. Sandra, por sua vez, ironiza a quantidade de tantos “empreendedores” no mundo do trabalho atual, evidenciando seu entendimento acerca do discurso que generaliza a condição de empreendedor para todos os setores da sociedade.

A questão da experiência também é mobilizada nas quatro entrevistas de maneiras distintas. No caso de Matheus, é nítido o quanto o entrevistado valorizava manter-se ativo e acumulando tanto cursos (garantindo sua empregabilidade) quanto tempo de trabalho para se manter competitivo no mercado. Podemos dizer que tal comportamento configura-se enquanto uma estratégia para sobreviver em um mundo do trabalho cada vez mais flexível e instável. Não obstante, a contradição de precisar de experiência logo no primeiro momento em que se procura um trabalho é percebida por Sandra, que enfatiza como tal exigência se mostra, muitas vezes, enquanto um entrave para a juventude trabalhadora.

Em um mundo do trabalho cada vez mais instável e incerto, sentimento de autodepreciação, ansiedade, e até depressão foram relatados pelos entrevistados. Em seu depoimento, Matheus afirmou se sentir “inútil” enquanto estava desempregado, mais uma vez se espelhando em seu pai que continuava trabalhando, o que desencadeou episódios de ansiedade. Laura, por sua vez, começou a fazer terapia, na medida em que se encontrava extremamente desmotivada com seu presente, além da incerteza sobre o futuro que, no caso de Sandra, gerou inclusive sintomas de depressão.

Os quatro casos selecionados podem contribuir, assim, para um maior entendimento das percepções, expectativas e experiências da juventude trabalhadora inserida em um capitalismo cada vez mais despido de qualquer entrave ao movimento de autovalorização do capital, e que para isso proporciona um duplo cenário para a vida de inúmeros trabalhadores: ou cenário do desemprego ou de trabalhos precarizados para grande parte da juventude, que por isso mesmo, acaba enxergando na alternativa de empreender enquanto uma das chaves para

se alcançar uma condição de vida mais digna, por mais que tal discurso esteja intimamente ligado à lógica neoliberal de individualizar a solução de problemas evidentemente sociais.

Considerações finais

Tivemos como objetivo compreender de que maneira as percepções de jovens desempregados sobre sua condição (de desemprego) se articulam com os discursos e práticas neoliberais vigentes, a partir de entrevistas realizadas com trabalhadores que frequentaram a Casa do Trabalhador em São Carlos, SP, visando captar as referências e experiências desses jovens em situação de desemprego.

Levando em consideração os resultados aqui apresentados, percebe-se que as percepções e compreensões da juventude desempregada pode variar a partir de suas trajetórias e referências específicas, em que muitos depoimentos evidenciaram discursos convergentes com o da lógica neoliberal, ao passo que outros trataram de temas como o do empreendedorismo o da empregabilidade de forma cautelosa e crítica, expondo, inclusive, a situação de crise econômica e política que o Brasil se encontra.

Além disso, foi possível evidenciar algumas questões já discutidas sobre a juventude brasileira, muitas vezes inserida em uma jornada combinada de estudo e trabalho extenuante, rompendo com qualquer concepção abstrata de uma juventude que pode dedicar-se apenas aos estudos. Pelo contrário, muitos jovens adentram o mercado de trabalho de forma incerta e indefinida, tendo em vista as dificuldades de conseguir um primeiro emprego em virtude da falta de experiência, ou ainda, a dificuldade de conciliar um trabalho formal com os estudos, que por sua vez leva à informalidade.

Tendo em vista o advento da pandemia da covid-19, novos elementos surgiram em campo para compreender o desemprego entre os trabalhadores mais jovens, estes que acabaram sendo dispensados no momento de “cortes” de funcionários, o que levou, em alguns casos, ao desemprego prolongado, com incertezas e inseguranças acerca do futuro se generalizando constantemente. Desse modo, qualquer planejamento a longo prazo (dentre eles, a possibilidade de se aposentar) torna-se sinônimo de utopia, sendo impossível para os trabalhadores entrevistados se imaginarem tranquilamente em um futuro que parece “não chegar”.

Não obstante, a partir das entrevistas realizadas, foi possível captar as múltiplas formas que esses jovens trabalhadores tratam a condição do desemprego, perpassando desde noções que dialogam com a lógica neoliberal, até resistências e estratégias para lidar com essa situação. Sendo assim, para além da constatação da condição de desemprego juvenil e da comprovação daquilo que as estatísticas e os dados quantitativos apontam sobre o desemprego entre os

jovens no Brasil, a abordagem qualitativa nos possibilitou entender a heterogeneidade dos jovens trabalhadores no que se refere a concepções de mundo e referências, principalmente de uma juventude que adentra um mercado de trabalho flexibilizado e sem referenciais claros, tendo que se virar em meio a irracionalidade do capital em paralelo ao progressivo desmonte das estruturas de proteção social do Estado.

O desemprego configura-se, assim, enquanto elemento fundamental dentro da lógica capitalista, com seus índices avançando cada vez mais em um capitalismo neoliberal pós-pandêmico. Sendo assim, é inegável que tal fenômeno deverá ser estudado e analisado ao longo dos próximos anos, principalmente entre a juventude trabalhadora que aparece de forma muito expressiva índices de desemprego e desalento.

Além da privação material e da ameaça à própria existência, estar desempregado em uma sociedade pautada pela centralidade do trabalho pode produzir concepções e subjetividades específicas por parte dos indivíduos, que podem tanto fazer coro com a ideologia dominante neoliberal quanto ser avidamente crítico a elas, possibilitando o surgimento de novas resistências e estratégias por parte dos trabalhadores, e que deverão receber a devida atenção por parte de uma sociologia comprometida com o entendimento acerca do contraditório mundo do trabalho.

Apêndice: roteiro de entrevista

Data:

Entrevistador(a):

Local da entrevista:

Tempo de aplicação:

Início:

Término:

A) PERFIL DO ENTREVISTADO(A)

1. Sexo

2. Cor/Raça:

branco negro pardo amarelo indígena

3. Idade

4. Estado civil/conjugalidade:

5. Tem filhos? Quantos?

6. Onde nasceu? Estado e município.

7. Há quanto tempo reside em São Carlos?

8. Qual o seu tipo de moradia?

casa própria alugada outras (especificar)

10. Quantas pessoas moram em sua casa?

11. O/a Sr.(a) mora:

sozinho(a) com parceiro(a)/cônjuge com parceiro(a)/cônjuge e filhos

com os pais com outros parentes com colegas/república outros

12. Qual a renda familiar aproximada? (pode ser em salários mínimos, caso o(a) entrevistado(a) não queira declarar o valor)

13. Possui alguma religião? Qual? É praticante?

B) ESCOLARIZAÇÃO/QUALIFICAÇÃO

- Grau de escolaridade/até que ano estudou.

- Durante a educação básica, sempre estudou em escola pública?
- Se cursou universidade, qual o curso? Pós-graduação? Especialização?
- Fez outros cursos técnicos e/ou profissionalizantes após o fim dos estudos?
- Por que não prosseguiu os estudos?
- Teve que interromper os estudos em algum momento para trabalhar? Como/quando foi?
- Teve que trabalhar por algum período enquanto estudava? Como/quando foi?

C) TRAJETÓRIA OCUPACIONAL

- Qual foi seu primeiro trabalho? Quando foi? Como conseguiu esse trabalho?
- Depois disso, em que atividades trabalhou?
- Há quanto tempo está desempregado?
- Já ficou desempregado em outros momentos? Como foi? Como se sustentou? O que sentiu?
- Já teve carteira assinada? Prefere trabalhar com carteira assinada ou não? Por quê?
- Já teve patrão? Como foi sua relação com ele/ eles?
- Já pensou em ter seu próprio negócio? O que você pensa sobre a ideia de empreender?
- O que acha dos trabalhos de aplicativos, como motorista de Uber, entregador do Ifood, etc. já chegou a pensar em trabalhar nesse tipo de trabalho?

D) CONDIÇÃO ATUAL/DESEMPREGO E PERSPECTIVAS

- Por que você acha que está desempregado? O que precisaria mudar para conseguir arranjar um emprego ou manter-se empregado/depende de quem ou de quê?
- O que você pensa sobre como resolver essa situação?
- Como está conseguindo se manter/manter a família? É beneficiário de algum auxílio ou benefício governamental? Recebe auxílio da família/amigos?
- Como está sua rotina agora? O que costuma fazer durante os dias da semana? Como a falta de trabalho tem alterado sua vida/relação com as pessoas?
- Você tem algum problema de saúde? Física ou psicológica.

- Você acha que a situação do Covid-19 dificultou as possibilidades de se manter no emprego ou conseguir um trabalho?
- Acha que essa situação vai mudar em breve? Por quê?
- Se pudesse escolher livremente, o que faria da vida? Em que gostaria de trabalhar?
- Como se imagina no futuro? Acredita que terá aposentadoria?

Referências bibliográficas

- ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização e Juventude Periférica**: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estud. CEBRAP*. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set.– dez. 2020;
- ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. **Estudar e trabalhar**: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. *Novos estud. CEBRAP*. SÃO PAULO. V39n03. 523-542. 2020;
- ALVES, Giovani. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª ed. Londrina: Editora Praxis, 2007;
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006;
- ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022;
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018;
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009;
- BÁRBARA, Maristela. **Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego**: percepção e sofrimento do trabalhador. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, 1999;
- BATISTA, Paulo Nogueira. **O consenso de Washington**: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos. 2004. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Consenso%20de%20Washington.pdf> acessado em: 13/12/2022
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. A Degradação do Trabalho no Século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977;
- CACAU, Carolina; PARKS, Letícia; ASSIS, Odete Cristina. **Mulheres negras e marxismo**. São Paulo: Edições Iskra, 2021;
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009;
- CASTRO, Bárbara. **Trabalho perpétuo**: o viés de gênero e o ideal de juventude no capitalismo flexível. *Lua Nova*, São Paulo, 99: 169-199, 2016;
- COGGIOLA, Osvaldo. **O Craque de 1929 e a grande depressão da década de 1930**: crise,

revolução e contra-revolução. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/287205265 A Crise de 1929 e a Grande Depressão da Década de 1930](https://www.researchgate.net/publication/287205265_A_Crise_de_1929_e_a_Grande_Depressao_da_Decada_de_1930) acessado em: 13/12/2022;

CORIAT, B. **Ohno e a Escola Japonesa de Gestão da Produção**. In: Hirata, H. Sobre o modelo japonês. São Paulo, Edusp, 1993;

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016;

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra: segundo as observações do autor e fontes autênticas**. São Paulo: Boitempo, 2008;

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976;

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia da economia política marxista**. Lutas Sociais, São Paulo, n.28, p.87-104, 1o sem. 2012;

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. LTC, 1981.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de Cárcere, Volume I: Introdução ao estudo da filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos de Cárcere, Volume IV – Temas de cultura. Ação Católica. Americanismo e fordismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007;

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Por uma sociologia do desemprego**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, núm. 50. São Paulo, 2002;

GUIMARÃES, Nadya Araujo; BRITO, Murilo Marschner Alves; COMIN, Alvaro Augusto. **Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão eludir as desigualdades?** Novos estud. CEBRAP. SÃO PAULO. V39n03. 475-498. SET.–DEZ. 2020.

HARVEY, David. **Condição pós-Moderna**. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008a;

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008b;

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005;

HIRATA, Helena. **Gênero, patriarcado, trabalho e classe**. Trabalho Necessário (2018) – <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552> Acessado em: 15/12/2022;

JUNIOR, Henrique Nemeth. **Hayek, campos e a defesa do autoritarismo**. Versão submetida ao XXI Encontro de Economia da Região Sul - ANPEC/SUL 2018.

KREIN, José Dari. **O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva**: consequências da reforma trabalhista. pp. 77-104. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 30, n. 1. 2018;

LIMA, Jacob. **A nova informalidade**. In IVO, Anete, B. L. (coord.). Dicionário temático Desenvolvimento e Questão Social: 81 problemáticas contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2013, pp 330-336

LIMA, Jacob; PIRES, Aline Suelen. **Juventudes e a nova cultura do trabalho**: considerações a partir do trabalho digital. Revista Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 773-797, dez. 2017;

MANDELBAUM, Belinda; RIBEIRO, Marcelo. **Desemprego**: uma abordagem psicossocial. São Paulo: Blucher, 2017;

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010;

MARX, Karl. **O capital**: crítica da Economia Política, Livro I – O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013;

Marx, Karl. **Os despossuídos**: debates sobre a lei referente ao furto de madeira. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B.Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007;

MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora**: de Marx ao nosso tempo. São Paulo: Boitempo, 2019;

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio De Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978;

Organização Internacional do Trabalho - OIT. **Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo**: tendencias 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends2021/WCMS_825200/lang--es/index.htm acessado em: 15/12/2022

Organização Internacional do Trabalho - OIT. **World Employment and Social Outlook** (2020b). Disponível em: https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/WCMS_734455 Acessado em: 14/12/2022

PAIS. José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165;

PIRES, Aline S. **O crescimento do desalento no Brasil**: reflexões sobre a juventude no atual mundo do trabalho. 2021. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/o-crescimento-do->

[desalento-no-brasil-reflexoes-sobrea-juventude-no-atual-mundo-do-trabalho/#:~:text=Panorama%20SBS-.O%20crescimento%20do%20desalento%20no%20Brasil%3A%20reflex%C3%B5es%20sobre%20a,no%20atual%20mundo%20do%20trabalho&text=Neste%20post%2C%20Aline%20Pires%20discute,e%20intens%20os%20mais%20jovens](#) acessado em: 13/12/2022.

PIRES, Aline S.; MOTTA, Luana D. **Sobre millennials e jovens vulneráveis**: racionalidade neoliberal e experiência juvenil contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20, 2021, Belém. Anais... Belém: SBS, 2021;

RANGEL, Felipe. **Percepções da informalidade**: sobre representações e experiências. In: Trajetórias da informalidade no Brasil contemporâneo/organizadora Léa Marques. – São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2021.

SALLUM JR., Brasílio. **O Brasil sob Cardoso**: neoliberalismo e desenvolvimentismo. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(2): 23-47, out. 1999 (editado em fev. 2000);

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020;

SCHRADIE, Jen. **Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe**: um imposto virtual em relação à política digital – PARÁGRAFO. JAN/JUN. 2017 V.5, N.1 (2017) - ISSN: 2317 4919;

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1997;

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006;

SILVA, Luiz Antonio Machado. **Da informalidade à empregabilidade** (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). CADERNO CRH, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002;

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. MANA 11(2):577-591, 2005.

SOARES, Laura T. Ribeiro. **Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina**. São Paulo: Vozes, 2001;

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978;

TOMMASI, Livia; CORROCHANO, Maria Carla. **Do qualificar ao empreender**: políticas de trabalho para jovens no Brasil. ESTUDOS AVANÇADOS 34 (99), 2020;

WEBER, Max. **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004;

WICKERT, Luciana. **Desemprego e juventude**: jovens em busca do primeiro emprego. *Psicologia, Ciência e Profissão*, vol. 26, núm. 2, 2006, pp. 258-269. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, Brasil.

ZANON, Breilla. “**Não era amor, era cilada**”: *startups, coworkings* e a mobilização do desejo pelo mundo do trabalho. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12266?show=full> acessado em: 14/12/2022.